





UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CURSO ARQUITETURA E URBANISMO  
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

# **PRAÇA LINEAR**

UMA PROPOSTA DE ESPAÇO PÚBLICO NA MESSEJANA

por  
Stephane Capistrano Alexandre – 2016.

Professor Orientador  
RICARDO BEZERRA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca do Departamento de Arquitetura

---

A369p

Alexandre, Stephane Capistrano

Praça Linear: Uma proposta de espaço público na Messejana / Stephane Capistrano

Alexandre. – 2016.

113 p. : il. color., enc. ; 30 cm.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Tecnologia, Departamento de Arquitetura, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Fortaleza, 2016.

Orientação: Prof. : Ph. D. Ricardo Figueiredo Bezerra

1. Paisagismo – Messejana (Fortaleza, CE). 2. Espaços públicos – Messejana (Fortaleza, CE). 3. Praças – projetos – Messejana (Fortaleza, CE). I. Título.

---

CDD 71143

Banca examinadora

---

Pof. Dr. Ricardo Bezerra  
ORIENTADOR DAU-UFC

---

Joaquim Aristides de Oliveira  
CONVIDADO DAU-UFC

---

Renê Pereira Dantas  
ARQUITETO CONVIDADO



"Porque eu, o Senhor, teu Deus, te tomo pela  
tua mão direita e te digo:  
não temas, que eu te ajudo."

[Isaías 41:13]

## Dedicatória

Dedico este trabalho inteiramente ao Senhor Jesus Cristo, o único por quem vale a pena viver. Aquele que nunca descuidou de mim, sempre me proveu de tudo que necessitei, apesar de muitas vezes eu achar que me faltava. Hoje, percebo que nunca faltou, Ele sempre me deu tudo na medida certa e na hora exata. Aquele que sempre colocou as pessoas certas no meu caminho, desde meus pais, familiares e amigos. Sou grata por cada um por chegar até aqui, tendo a certeza que consciente ou inconscientemente contribuíram para o que sou. Aquele que me fez trilhar caminhos que nunca pensei dentre eles, esse árduo ao mesmo tempo prazeroso curso de Arquitetura. Aquele que sempre me socorreu, mesmo nos momentos que eu menos merecia, e que mais precisava, sempre inclinou seus ouvidos para minhas inúmeras petições e nunca recolheu sua mão para me ajudar. Ao único que compreende minhas dificuldades e fraquezas e mesmo assim nunca deixou de estender a Sua mão de misericórdia. Ao que primeiro me amou sem que eu merecesse ou que ao menos soubesse o que Ele é. Dedico não somente esse trabalho, mas tudo que consegui até aqui.

## Agradecimentos

### A Deus

Pela misericórdia, força e graça para ultrapassar todos os obstáculos nesse percurso.

### Família

Aos meus pais e tios que estão ao meu lado nos momentos de difíceis, obrigada pelo amor incondicional e pelas muitas orações em meu favor.

### Amigos

Que acumulei a vida, os que tive a honra de congregar, estudar e trabalhar. Obrigada pelas dúvidas tiradas, pelos conselhos pessoais e profissionais, pelos estudos, trabalhos e orações compartilhadas, pelas as conversas paralelas, pelos prantos enxugados, sobretudo pelas inúmeras gargalhadas. Obrigada por tornar cada etapa da vida um momento memorável.

### Mestres

Meus sinceros agradecimentos, sobretudo aos que se tornaram amigos. O parágrafo anterior também é dedicado a vocês. Obrigada pelo auxílio dentro e fora de sala, pelas oportunidades em bolsa e estágios. Obrigada acreditarem em mim.

### Funcionários do DAU

Que tantas vezes são solicitados e tantas vezes esquecidos. Obrigada por tantas vezes me "quebrarem o galho".

Agradeço a todos que de alguma maneira me ajudaram a chegar até aqui, mas tenho uma profunda gratidão aos queridos que não desistiram e que efetivamente foram até os últimos minutos comigo: Mamãe, Papai, Prof. R. Bezerra e Úrsula Nóbrega. Creio que só Deus poderá recompensá-los.

## SIGLAS

A.PO: Avaliação Pós-ocupação

PPS: *Project for Public Spaces*

PMF: Prefeitura Municipal de Fortaleza

SEUMA: Secretaria Municipal do Urbanismo e Meio Ambiente

SER VI: Secretaria Executiva Regional VI

LUOS: Legislação de Uso e Ocupação do Solo

PAITT: Programa de Ações Imediatas de Transporte e Trânsito

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SDE: Secretaria de Desenvolvimento Econômico

PDDU/FOR: Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Fortaleza

ZOM 2: Zona de Ocupação Moderada 2

ZPA 1: Zona de Preservação Ambiental 1

ZRA: Zona de Recuperação Ambiental

IPLAM: Instituto de Planejamento do Município

E.T.E: Estação de Tratamento de Esgoto

IPECE: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará

# ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
-------------------------	-----------

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA PROJETUAL**

<b>Espaço Público</b> .....	<b>15</b>
<b>Parque ou Praça?</b> .....	<b>15</b>
<b>Praça</b> .....	<b>18</b>
<b>Espaço Físico e Simbólico</b> .....	<b>22</b>
<b>Os Teóricos</b> .....	<b>24</b>
<b>Estratégias para Alcançar o Espaço Público Bem-sucedido</b> .....	<b>26</b>
<i>Project for Public Spaces</i> .....	<b>28</b>
<i>Placemaking</i> .....	<b>32</b>
<b>Estudo de Caso</b> .....	<b>34</b>

## **ANTECEDENTES HISTÓRICOS**

<b>De Fortaleza a Messejana</b> .....	<b>39</b>
<b>O Bairro</b> .....	<b>41</b>

## **ANÁLISE E DIAGNÓSTICO**

<b>Categorias de Análise</b> .....	<b>43</b>
<b>Contexto Geral</b> .....	<b>46</b>
<b>Áreas Verdes</b> .....	<b>48</b>
<b>Tecido Urbano</b> .....	<b>50</b>
<b>Aspectos Demográficos e Socioeconômicos</b> .....	<b>52</b>
<b>Entorno</b> .....	<b>54</b>
<b>Situação Atual</b> .....	<b>62</b>
<b>Relevo e Infraestrutura Urbana</b> .....	<b>68</b>
<b>Arborização</b> .....	<b>72</b>
<b>Usos – Mapas Comportamentais</b> .....	<b>74</b>
<b>Mapa de Não Conformidades</b> .....	<b>82</b>
<b>Inventário Físico Ambiental</b> .....	<b>86</b>

## **PROPOSTA PROJETUAL**

<b>Alternativas para Viabilizar a Proposta Projetual</b> .....	<b>89</b>
<b>Parâmetros</b> .....	<b>90</b>
<b>Diretrizes Gerais e Diretrizes Específicas</b> .....	<b>91</b>
<b>A Proposta Projetual</b> .....	<b>92</b>

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>111</b>
-----------------------------------	------------

<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>113</b>
---------------------------	------------



**“É precisamente naquelas habitações com alta densidade populacional e poucos recursos econômicos que o espaço ao ar livre tem um impacto muito grande nas condições de vida. Onde possível, inúmeras atividades comunitárias são realizadas do lado de fora das moradias, nas ruas, praças ou em outro logradouro público [...] é importante garantir a disponibilidade futura dos espaços públicos funcionais [...] especialmente em áreas de alta densidade, onde as moradias são pequenas e a necessidade por espaço livre é bem grande.**

**[GEHL, 2013, p.217, 223].**

# INTRODUÇÃO

O presente Trabalho Final de Graduação se iniciou a partir da percepção que muitos espaços públicos livres da cidade de Fortaleza eram subutilizados ou abandonados.

Assim, surge a indagação: 'Por que aquela praça não é utilizada? O que faz uma praça ser utilizada, será que sua localização, equipamentos ou entorno influenciam em seu uso? Por que muitos dos espaços públicos destinados para áreas verdes dos loteamentos não são mantidos ou cuidados pela Gestão Municipal?

Intrigava o fato desses espaços tornarem-se subaproveitados e não exercerem em plenitude a função a que se propunham e o potencial que possuem.

Então, resolveu-se estudar com mais detalhe um recorte do bairro de Messejana, em particular uma área situada em um dos meus percursos cotidiano. É esse espaço público de uso livre que se tornou o objeto de estudo desse trabalho.

## JUSTIFICATIVA

Nas últimas décadas, o bairro de Messejana foi alvo de muitos investimentos no setor público e privado, sobretudo na área de habitação. Atualmente, o bairro encontra-se densamente povoado e demanda por espaços públicos qualificados.

A escolha pela temática se deu pela observação da situação dos espaços público destinados às áreas verdes no bairro. Percebeu-se que esses espaços nem sempre se tornam praças, muitas vezes eles são abandonados, tornando-se espaços ocioso, ou são ocupados, tornando-se outros usos. Porém, quando conseguem se tornar praças, eles são comumente esquecidos pela gestão municipal e freqüentemente inutilizado pela comunidade do entorno.

O espaço escolhido para intervenção é a área verde do loteamento do Sítio José Cândido. Embora esse espaço seja bem localizado dentro de um bairro, entre as principais vias de acesso; possua dimensões consideráveis, com quase nove mil metros quadrados; seja delimitado por

dois loteamentos, com considerável densidade populacional, cada um; e seja praticamente o único espaço verde num raio de quinhentos metros, esse espaço não é visto e tratado como uma praça pela administração pública.

O que chamou atenção, pois atualmente o lugar encontra-se negligenciado, com precário mobiliário e manutenção, além da ausência de equipamentos e de projeto paisagístico que leve em consideração as necessidades dos usuários e dinâmica sócio-espacial do lugar. Percebe-se que a ausência de um desenho concreto e todos seus atributos vinculados, que definem um espaço de praça, inibe o uso mais amplo do local.

O espaço praticamente não possui recursos que promovam a urbanidade, mas nota-se que ela existe, mesmo que de maneira tímida, pelos moradores e comerciantes do entorno imediato. É notável que os potenciais desta área são desperdiçados e que seus espaços subutilizados poderiam receber atividades e funções.

## **OBJETIVO**

A finalidade desse trabalho além de refletir sobre os espaços livres subutilizados, buscando estratégias para torná-los espaços vivos, tem como objetivo resgatar uma área verde do loteamento do Sítio José Cândido.

Neste sentido, o projeto pretende resgatar o significado urbanístico do lugar através de uma intervenção projetual por meio de um desenho acessível que privilegie o pedestre, integre o entorno e articule o tecido urbano, que revitalizasse e consolide o espaço nas esferas social, física e espacial.

Utiliza-se algumas ferramentas metodológicas para que a proposta de intervenção para área verde seja o mais próximo possível das necessidades dos usuários. Devolver ao es-

paço público a seu verdadeiro sentido, eis o desafio.

## **METODOLOGIA**

O ato de projetar é algo muito subjetivo, sobretudo quando é um espaço público, pois se torna muito peculiar e envolve diversos atores e particularidades. Neste último caso, o arquiteto não tem apenas um único cliente, mas vários e com necessidades bem diferentes, é comum que nesse tipo de projeto não levar em consideração as opiniões, pontos de vista ou preferências os frequentadores do lugar. 'Então como chegar a um desenho que seja um censo comum e que agrade a maior parte dos usuários?'

O arquiteto tem a seu favor algumas informações que por vez ele deixar escapar, como por exemplo a observação do lugar - O que atraem as pessoas a esse espaço? - Como, quando e porquê as pessoas utilizam o espaço diz muito a respeito da dinâmica do lugar. Os usuários, mais que ninguém, sabem das necessidades, potencialidade, problema e soluções para o lugar.

A maioria dos espaços públicos são projetados sem uma concepção teórico-ideológica e é comum a inadequação do projeto ao uso pretendido. O livro do Sun Alex nos esclarece a importância da clara definição das premissas para o projeto através de uma metodologia de pesquisa em projeto.

A informação a respeito da área de estudo foi coletada através da Avaliação Pós-ocupação [A.P.O]. A A.P.O é uma avaliação sistemática do espaço utilizada para medir o nível de satisfação e qualidade do espaço, e tem como base a perspectiva de seus usuários.

Essa avaliação é aplicada algum tempo após a construção do espaço e não utiliza pré-requisitos limitantes para sua aplicação, podendo ser empregado em qualquer tipo de escala,

servindo tanto para edificações quanto para áreas urbanizadas. A partir dessas avaliações pode-se corrigir as falhas e se necessário verificar eventuais acertos, como também definir diretrizes para novos projetos semelhantes.

Neste trabalho também foi utilizado os seguintes instrumentos de levantamento de dados: observações assistemáticas do espaço, levantamento fotográfico, levantamento da situação existente, mapeamento comportamental, aplicação de questionário e entrevistas.

Tendo em vista o modo colaborativo para projetar espaços públicos, um segundo critério surge: o Placemaking que busca reinventar espaços públicos, que tenha significância para uma comunidade, a partir da colaboração das pessoas dessa comunidade. Placemaking reforça a conexão entre as pessoas e os lugares que eles compartilham.

O princípio do Placemaking fundamenta-se: escolher o objeto de estudo, em seguida entrar em contato com ele e com seus usuários, tentando entender a realidade do lugar, sua dinâmica e sociais e seu nível de satisfação, e elaborar uma proposta.

Visando as mudanças que se fazem necessárias nas áreas de estudo e utilizando o conceito da A.P.O e do Placemaking propõe-se ao final do trabalho uma alternativa para que a vida pública encontre a possibilidade de se manifestar em toda totalidade.

## **ESTRUTURA DE TRABALHO**

O trabalho é organizado em três capítulos:

- Fundamentação Teórico e Projetual
- Análise e Diagnóstico
- Proposta Projetual.

O primeiro capítulo, Fundamentação Teórico e Projetual, trata-se de uma compilação das literaturas a respeito do espaço público, praça e urbanidade - William Whyte, Jan Gehl, Sun Alex. Também faz menção a algumas obras de referência e o The Good Line, e análise dois estudos de caso, a Pracinha da Cidade 2000 e a Praça Bárbara de Alencar.

O segundo capítulo, Análise e Diagnóstico, é feita uma análise do contexto geral do bairro e uma análise específica da área de estudo, observando a situação atual, os usos, identificando conflitos e potencialidades através da A.P.O.

O terceiro capítulo, Proposta Projetual, expõe uma alternativa para intervenção do objeto de estudo a nível urbanístico e paisagístico. No início desse capítulo também está presente os princípios e o programa de necessidade resultados do capítulo do capítulo anterior.

An aerial photograph of a city grid, showing a central square or plaza. The streets are light-colored, and the buildings are dark. The plaza is a large, open space in the center of the grid. The text is overlaid on a dark rectangular background in the bottom right corner.

**Lugar amplo e espaçoso dentro do povoado, lugar público onde se vendem mantimentos e se tem o comércio entre vizinhos [...] Sua invenção é tão antiga quanto a das cidades, e conceitualmente nossa [plaza] é herdada da ágora e do foro dos romanos [...] Os latinos não concebiam a vida social fora desse recinto público, assim não existia socialmente quem não fosse à plaza, como indicado na expressão: “decedere foro”**

**[Sebastián de Covarrubias, em Tesoro de la lengua, 1610]**

# ESPAÇO PÚBLICO

O conceito atribuído a espaço público é muitas vezes indefinido, vago e restrito porque geralmente atribui-se a espacialidade. Mas essa definição pode se referir também a “esfera pública”, o espaço de igualdade e de liberdade.

Por essa percepção, o espaço público não está atrelado apenas ao espaço físico espacial, mas ao aspecto social que contém diferentes significados. Eles são por essência espaços abertos, acessíveis, de uso comum e posse de todos, que apesar de ser administrado pela gestão pública, pertencente à população.

Espaços públicos podem ser formais e definido por limites, como os parques, ou informais e criados por um encontro espontâneo, como a rua. Existem pelo menos dois tipos de espaços públicos: os espaços públicos livres e espaços públicos com restrição.

No primeiro, o direito de ir e vir é pleno e podem ser de circulação - ruas e avenida - ou espaços de lazer - parques, praças, praias, orlas, becos e ruas. A rua talvez seja o espaço público mais importante pois adota várias funções. No

segundo, o acesso e à circulação é controlada e restrita - instituições de ensino, edifícios públicos, hospitais, e outros - existem regras implícitas de comportamento que devem ser seguidas.

Outros termos que possuem semelhanças, mas não o mesmo conceito é espaço público e espaço acessível ao público [aberto ao público]. Estes últimos são locais privados, seu acesso é mediante certas condições como, pagamento de ingresso ou despesas pela utilização do local e serviços. Eles não ferem o direito de circular, mas impede acesso fora dos horários pré-determinados ou podem barrar o acesso de crianças e animais em seus espaços.

## PARQUE OU PRAÇA?

Na bibliografia do paisagismo moderno brasileiro, o uso dos termos ‘parques’ e ‘praças’ sugerem não apenas questões conceituais, mas também de significado e função. A designação parque elimina a significação de praça e vice-versa.

# PRAÇA OU PARQUE?

## PRAÇA:

## PARQUE:

INSERÇÃO URBANA



A praça é completamente dependente do lugar onde está inserida. Devem-se levar em conta as principais circulações de pedestres, entroncamentos e cruzamentos de pessoa, possibilitando o encontro casual e espontâneo. Praça é gente se encontrando.

Para os parques, o entroncamento ou cruzamento de pessoas não é essencial; não depende da inserção urbana para existir. Pode-se ir a pé, de carro, de transporte público ou de bicicleta. Pode estar inserido em áreas densamente construídas, ocupadas ou distante de tudo.

ACESSO



Espaço que compõe e integrado com outros espaços público e com as edificações que estão em seu entorno. Significa que calçadas, ruas e prédios lindeiros devem associar-se ou ainda interagir visual e fisicamente de forma contínua contextualizado como o lugar, dando-lhe forma e significado.

Espaço cujo ingresso ou acesso é determinado por entradas controladas. As circulações definem os passeios de pedestres e podem levar aos equipamentos, edificações principais, estares e aos estacionamentos, como exemplo.

ATIVIDADES



Lugar das práticas sociais públicas com finalidades diversas: políticas, religiosas, culturais, sociais, comerciais, recreativas, entre outras. A construção de edifícios não é recomendada.

Conjunto de atividades relacionadas às diversas categorias de um parque. Ele pode ser completamente arborizado, e destinar-se a preservação de uma floresta natural, ou artificial, como Disney World. O tema e o contexto em que se insere serão responsáveis pelo desenvolvimento do programa de atividades. Infraestrutura como banheiros, área administrativa, local para guarda de equipamentos, segurança e outros, são sempre obrigatórios.

MODELAGEM DO TERRENO



O terreno deverá ser modelado de acordo com conexões realizadas, de forma direta e respeitando as condições de norma de acessibilidade.

Os parques mantêm em muitos casos as características naturais do terreno, com exceções dos parques temático. As movimentações de terra são desnecessárias.

ILUMINAÇÃO



Por ser área urbana, sugere-se especial atenção a iluminação noturna vinculada não só às calçadas e passeios laterais como também ao pedestre em toda a sua área interna.

Reservas florestais, por exemplo, não necessitam de iluminação interna. Parques culturais são projetos que demandam uma atenção espacial a luminotécnica do lugar.

## PRAÇA:

## PARQUE:

CERCAS



É proibido. Praças é um lugar que deve integrar-se à cidade e permitir livre acesso.

Pode existir se for um local onde o acesso é restrito ou pode oferecer algum tipo de perigo para a fauna existente, os cercamentos podem ocorrer.

PERCEPÇÃO DO ENTORNO



Nas praças o contexto é percebido, ou seja, tudo que está ao redor do lugar é visto por seus usuários [prédios, monumentos, avenidas, calçadas etc.] De dentro vê-se tudo o que está ao redor.

A proposta do parque remete a situação descontextualizadas do urbano.

Ou seja, os ambientes projetados independem das atividades que acontecem em seu exterior. De dentro não se vê o que ocorre ao redor. Os ambientes internos relacionam-se com o programa de atividades proposto.

EDIFICAÇÕES



Não possui edificações em sua área. As edificações existentes devem relacionar-se à praça como, por exemplo, o adro que fica em frente as igrejas, ou ainda, o terreno que pode ficar em frente a um prédio público.

Pode existir e relacionar-se à administrações, sanitários às atividades vinculadas ao programa de atividades do parque. Um parque zoológico, por exemplo, deve conter desde edificações que simulem os ambientes naturais dos animais até lanchonetes, restaurantes, aquários e museus.

VEGETAÇÃO



É um elemento secundário do projeto, sendo a maioria área da praça, Impermeável. Os pisos são os elementos primordiais do projeto e devem predomina

Se não for parque temático cultural ou de recreação ativa, a vegetação é o elemento estruturador dos ambientes projetados e deve predominar, sendo a maior área permeável.

ÁGUA



É um elemento secundário que colabora na organização espacial dos ambientes propostos orientando não só visuais internas e externas como também colaborando na organização de circulação.

Se não for um parque temático, a água pode ser tratada como um elemento natural [exploram-se os riachos, córregos, eventuais lagos, etc.]

MOBILIÁRIO



Predomina locais para assentos e sombreamento esporadicamente.

Vinculados ao programa de atividade do parque, como bancos, caraman-chões, quadras etc.

APÓS ESSA COMPARATIVA, OBSERVA-SE QUE PARA ÁREA ESCOLHIDA A CATEGORIA PRAÇA SE ADÉQUA MAIS, DESTA FORMA SERÁ ANALISADA E PROJETADA COMO TAL.

## PRINCIPAIS PONTOS PARA ESCOLHA DA CATEGORIA PRAÇA:

- 01 É completamente dependente do lugar onde está inserida;
- 02 Leva em conta as circulações de pedestres, entroncamento e cruzamentos de pessoas;
- 03 Interage visual e fisicamente com outros espaços e com as edificações que estão em seu entorno, dando-lhe forma e significado;
- 04 Lugar das práticas diversas: religiosas, culturais, sociais, comerciais, recreativas entre outras;
- 05 Não possui edificação em sua área, é proibido o uso de cerca, pois o lugar deve permitir livre acesso;

## PRAÇA CONCEITUAÇÃO

Praças são espaços urbanos públicos e livres. Seu conceito altera-se com o tempo e com a cultura de cada lugar, todavia seu caráter social permanece como uma característica intrínseca.

O surgimento das mídias digitais, a propagação do uso do automóvel e criação de espaços particulares para lazer [shopping center, clubes particulares] transformaram a maneira de usar, planejar e gerir o espaço público. As possibilidades de socialização deixaram de ser públicas e passaram a ser privadas.

Com o não uso do espaço público reduziu-se gradualmente o andar nas ruas, a pequena parcela de pessoas que se aventuram a utilizar tais espaços, nem sempre os conseguem usufruir, pois a falta de estrutura ou segurança inibe a presença dos potenciais usuários.

*“A maioria das praças contemporâneas encontra-se em situação tão deplorável, que podem ser consideradas anti-sociais ou ‘anti-praças’.”*

[Alex, 2008, p.126].



[01] A praça do Ferreira situada no centro de Fortaleza foi um dos mais importantes centros cívicos da cidade. Fonte: Úrsula Nóbrega.

Historicamente, as praças são lugares símbolos das práticas de cidadania, as interações - social, cultural, política e econômica - de uma comunidade aconteciam publicamente nelas e essas interações determinavam as formas de apropriação e uso do espaço.

## PRAÇA: EVOLUÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

A ideia do que hoje se entende por praça - espaço público urbano intencionalmente projetado - foi as ágoras gregas e posteriormente os fóruns romanos. Esses espaços possuíam não só uma importância espacial, mas, sobretudo simbólica - força cívica - e cultural para o contexto urbano que estavam inseridos.

A ágora grega era a materialização da ideia de 'público'. Nela se praticava a democracia direta, a discussão e o debate de ideias entre os cidadãos. Geralmente se situava no local onde a acrópole - morada dos deuses mitológicos - pudesse ser vista e era delimitada por um mercado, uma estação e outros edifícios. [Veja imagem 02].

O fórum romano, por sua vez, junto com os demais prédios públicos do seu entorno, materializava a imponência do Estado Romano. A diferença primordial entre a ágora e o fórum é que o último é um espaço de conferência fechado, com acesso mais restrito, e não um local público aberto.

As praças medievais eram espaços não oficiais e de multiuso, delas surgiram as piazas italianas e as plazas espanholas, que configuraram a passagem da idade média para o renascimento. Nessa transição era comum encontrar dois tipos de praça: a praça da catedral ou parvis, que representava o poder religioso, e a praça-mercado, que representava um local de trocas, serviços e atividades sociais.

A inovação renascentista da praça medieval era fundamentalmente espacial, pois passaram a ser rigorosamente remodeladas segundo o pensamento humanista: proporção e perspectiva. Geralmente dispostas no centro



[02] Conjunto formado por acrópole, ágora e outras edificações de Atenas. Fonte: Helen Primends.

Plaza espanhola também recebe uma forte influência do renascimento. As praças passam a ter composição geométrica e a ser um elemento essencial do desenho urbano, tornando-se uma extensão da arquitetura. Elas são símbolo da autoridade real e transformaram-se em um cenário para festas e cerimônias reais.

As places francesa e os squares londrinos configuram a passagem do renascimento para a modernidade, porém mantém a configuração espacial presente na piazza e plaza: Configuração geométrica, delimitação espacial por meio de edificações regular, uniforme e simétrica,

teatralidade do espaço, e uso do espaço para atividade cotidianas e festividades.

Esses dois modelos - as places francesas e os squares londrinos - implantaram uma nova proposta urbana: inserção urbana de recusão - independente do seu entorno, separado do sistema viário e tecido urbano existente - e modelo de praça residencial e aristocrática - recinto reservado exclusivamente a residência de classes superiores: a nobreza, e os abastados, os burgueses.

Esses espaços eram fechados, contornado por grades e com entradas controlada. Somente os moradores do entorno possuíam a chave dos portões, entretanto durante o dia esses espaços eram mantidos aberto ao público, acesso livre e fácil, como a tradição mandava. Esse modelo de espaço público de enobrecimento de uso exclusividade social foi adotado nos projetos de praças do século XIX e XX.

A place tinha uma regularidade formal, os espaços eram constituído por eixos ortogonais e diagonais com canteiros regulares e simétricos, com acessos diretos, nos centros do lados, e dissimilados, nas esquina. Apesar da ausência do edifício público monumental, a place é marcada por sua monumentalidade e pela instalação em seu centro estátuas [equêstres, do rei] ou fontes. A partir de então o culto aos soberanos em espaço públicos foi uma prática bastante difundida.

Squares londrinos não são praças propriamente ditas, são jardins ou parques cercados e delimitados por edificações - elite comercial e artistas. E esse intenso ajardinamento, influência do pensamento romântico, tornou-se o requisito essencial para o sucesso dos squares.

Com a valorização do verde nos espaços abertos, a partir do século XIX, os jardins da place e do square ganhariam destaque e alguns transformaram-se em parque públicos. O jardim clássico é um dos arquétipos da praça pública "moderna" do século XIX.

As praças definiram a estrutura urbana das principais cidades européias e consagraram-se como ícones urbanos constantemente copiados pelos demais continentes.

As praças do século XX romperam com os padrões paisagísticos tradicionais. A configuração espacial também se altera, nos projetos de loteamentos o sistema viário e arruamento pre-estabelece a localização da praça, que passa a ter novos significados.

O lazer contemplativo, passeios e apreciação da natureza, atividade bem comum no ecletismo permaneceram. Com o decorrer do tempo outras atividades como o lazer esportivo são incorporadas. É nesse período também que se consolida a imagem da praça ajardinada.

O pensamento do paisagismo a partir do século XX enfatiza a preservação de recursos naturais e a recreação nos espaços livres públicos. As praças norte-americanas não fogem desse padrão. Conforme Michael Brill, a cultura americana é pautada na estratificação social, as relações sociais são mais reservadas e praticamente não existe a experiência de vida pública comunitária.

Esse modelo americano contribuiu para um equívoco conceitual do projeto de espaços públicos, nessas praças é notável a perda do caráter público. A falência desses espaços não vem da falta de entendimento dos elementos físicos, mas sim do modo de vida reservado à esfera privada.

No Brasil, a praça é popularmente associada a área ajardinada ou arborizada. Por esse motivo qualquer espaço que tenha jardins - rotatórias, canteiros centrais ou espaços remanescentes do sistema viário - são ditos como praças, ainda que sejam espaços de difícil acesso aos pedestres e desqualificados como espaço livre.

De maneira similar as praças européias medievais, no Brasil esses espaços também se formam a partir das igrejas ou dos mercados públicos, também compartilham a mesma intenção original: ser foco de convergência de edifícios públicos e ruas, de fluxo e atividades sociais. [ALEX, 2011, p. 276].

Nos últimos anos, a praça brasileira também sofreu influência do modelo norte-americano. A típica praça brasileira se caracteriza pela

presença intensa de vegetação, exceto quando se localizam em áreas centrais das grandes cidades. Quando é resultado de um projeto mais elaborado costuma possuir equipamentos recreativos.

Essa valorização da estética - o "verdismo" e o "recreacionismo" - presente no paisagismo norte-americano teve graves consequências para dinâmica e a utilização social das praças. Ela desconsidera as especificidades e demandas locais e substitui a função original da praça - o local de encontro e convergência de fluxo urbanos. A praça tem duas funções essenciais originais: convívio social e articulação do tecido urbano". [ALEX, 2008, p.270].

Já a praça latina caracteriza-se por ser um local urbano de convívio e encontro por natureza, é no sentido amplo o espaço para trocas.

Espaços que se configuram por diversas aberturas no tecido urbano que se direcionam por diversos fluxos e usos, imprimindo ao espaço o caráter de lugar e ponto central da manifestação pública.

Nesse sentido, a praça atrela-se ao conceito de espaço público: acessível a todos os tipos de indivíduos - capazes de interagir livremente independente de sua condição social - e multiplicidade de usos - lazer, comércio, serviços, descanso, estar.

A impressão que transmite, a ambiência do seu interior que convida a penetrá-la e a permeabilidade espacial, garantem sua condição como espaço público. Enquanto as praças americanas configuram-se como espaços de recreação, as praças latinas são espaços ordenamento do tecido urbano.

A praça contemporânea possui um programa variado de uso e apropriação: convívio social, circulação, comércio e serviço, contemplação, recreação, lazer esportivo e cultural. Embora não apresente um programa inovador, a praça contemporânea possui um maior desprendimento quanto as regras e formas.

Essa liberdade programática e formal permite uma variedade de propostas funcionais, além de criar condições para o estabelecimento de atividades específicas. Outra característica

consiste não em determinação do uso, sendo comum os espaços multifuncionais, flexíveis e adaptáveis, veja imagem [03].



[03] Praça privada City Dune. Fonte: OREV Vanding's Ystemes.

## ESPAÇO FÍSICO E ESPAÇO SIMBÓLICO

Os termos 'espaço público' e 'lugar' na linguagem cotidiana são comumente usados como sinônimos, porém suas definições vão muito além da semântica. 'Qual é a distinção entre esses conceitos? Quando um espaço público se tornar um lugar?'

Nem todos os espaços públicos são eficientes lugares, muitos desses espaços não chegam a ser seguros para crianças, mulheres e idosos utilizarem sozinhos. Ruas esvaziadas, calçadas intransitáveis, praças malconservadas são de fato espaços públicos, porém não contribuem para o bem-estar da coletividade, pelo contrário, parecem ter sido projetados para criar barreiras entre pessoas e espaço físico.

Um espaço público eficaz também não pode ser medido somente por seus atributos físicos. Ele deve ser avaliado por todo um conjunto de qualidades - sociais, ecológicas, culturais e até mesmo espirituais - que podem definir a forma como as pessoas se relaciona com ele.

Lugar são ambientes em que as pessoas têm aplicado significado ao longo do tempo. Um lugar tem história, identidade cultural e social própria e única. Um lugar físico só se torna um lugar simbólico quando se torna um espaço social vibrante feito para pessoas e pelas pessoas. Este deve ser o objetivo de todo espaço público.

*"É preciso um lugar para criar uma comunidade e de uma comunidade para criar um lugar."*

[Fred Kent]



[04] Quando um espaço público tem propósito e significado para a sua comunidade, torna-se um lugar. Lugares, como este em Mumbai, pode dirigir o valor econômico e social de uma comunidade. Fonte: PPS.



[05] Em Juchitan, Oaxaca, a prefeitura está em frente a um mercado público e uma praça pública. Todo mundo está trabalhando para maximizar a vida pública e os benefícios placemaking do espaço público. Fonte: PPS

## OS TEÓRICOS

O pensamento urbanístico no início do século XX se firmou nos princípios do Movimento Moderno - cidades racionais, trabalhadas em grandes escalas, separadas dos usos, com priorização dos veículos e com poucas áreas voltadas para pedestres. Essa generalização do homem e das soluções resultou em cidades esvaziadas de pessoas e conseqüentemente sem vida.

Na década de 60, o primeiro grupo teórico com posicionamento crítico em relação ao funcionalismo moderno surge. Os clássicos pensadores do urbanismo Jane Jacobs, Kevin Lynch, William White e Jan Gehl se posicionaram de forma crítica ao ideal modernista - estudaram as mudanças pela quais as cidades passavam, levantaram discussões, propuseram alternativas, introduziram conceitos inovadores e contribuíram de maneira significativa para o urbanismo contemporâneo.

Jacobs introduz novos princípios de planejamento e de reurbanização baseados nas "coisas comuns e cotidianas". Ela faz críticas a padronização dos projetos que uniformiza o comportamento e a experiência dos usuários. Também defende a "tomada" de posse das ruas, pois a segurança pública é garantida justamente pela presença de pessoas, "olhos atentos voltados para esses espaços". Conforme Jacobs, a concentração de pessoas e os usos combinados asseguram a manutenção dos espaços.

Lynch contribuiu para o planejamento urbano através de pesquisas empíricas sobre como os indivíduos percebem a paisagem urbana. Ele observou que as pessoas geralmente entendem a cidade de maneira consistente, formando mapas mentais com cinco elementos principais: caminhos, limites, bairros, pontos nodais e marcos. Ele também relaciona a percepção humana, acerca da forma espacial das cidades, ao desempenho dos seus espaços.

White faz estudos do comportamento humano, especialmente os pedestres, em ambientes urbanos. Em suas pesquisas ele descobriu quais elementos atraem os usuários e a partir disso esboçou elementos-chave para a criar espaços públicos vibrantes. Whyte percebeu que: um bom lugar seria capaz de estimular novos hábitos; a presença de pessoas é um elemento essencial para dá significação ao espaço; a vida social nesses espaços públicos contribui para a qualidade de vida dos indivíduos.

Gehl discute sobre os aspectos que compõe a qualidade ambiental das cidades. O uso do espaço público só ocorre quando as vantagens - facilidade de acesso e circulação, segurança, conforto, qualidades físicas e estéticas, possibilidade de atividades - sobrepõem a desvantagens - insegurança, tráfego, clima.

Essas qualidades sociais, físicas e psicológicas do ambiente compõe uma cidade com urbanidade.

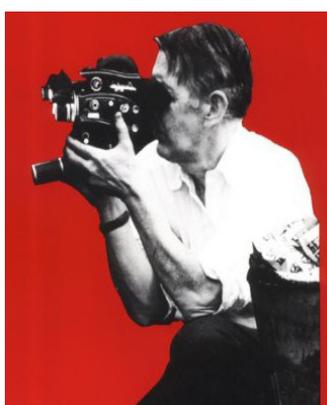
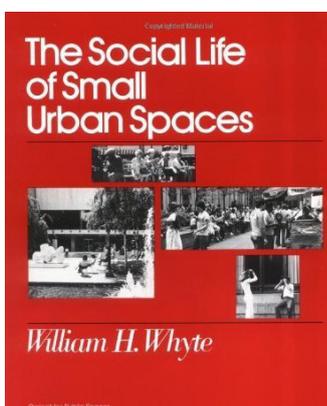
Esse termo segundo o dicionário Aurélio:

1. *qualidade ou condição de ser urbano;*
2. *conjunto de procedimentos que demonstram boas maneiras e respeito entre os cidadãos, civilidade, cortesia, afabilidade.*

Os teóricos foram pioneiros em projetar cidades acessíveis e chegaram a uma mesma conclusão: priorizar as pessoas é essencial para ter um bom espaço urbano. Nas últimas décadas, o Planejamento Urbano Humanista ou Urbanismo Sustentável vem ganhado espaço e substituindo as práticas modernistas.

*"Cidade novas e existentes terão de fazer mudanças cruciais nos pressupostos para o seu planejamento e prioridades. Maior foco nas necessidades das pessoas quem usam as cidades deve ser um objetivo para o futuro."*

[Gehl, 2010, p. 6]



[06] Capa do livro *The Social Life of Small Urban Spaces*, onde Whyte explica suas técnicas de observação e pesquisa.

## ESTRATÉGIAS PARA ALCANÇAR UM ESPAÇO PÚBLICO BEM SUCEDIDO

Há um elemento que é essencial para qualquer espaço público, esse elemento são as pessoas. As pessoas é o único elemento indispensável para dá significação ao espaço, nem mesmo todos os outros elementos misturados poderiam substituí-lo.

Esse elemento-chave foi bastante estudado e defendido por William H. Whyte, um sociólogo americano especializado em comportamento humano nos espaços públicos urbanos. Whyte já fez trabalhos na Pensilvânia, em Tóquio, mas a cidade de New York foi seu principal objeto de observação.

Seu método de análise se baseia de observação do espaço, entrevistas com as pessoas, anotações, fotos e filmagens de diferentes praças e parques da cidade. Sua pesquisa observa o comportamento e dinâmica dos pedestres, tentando identificar padrões comportamentais de uso que sejam relacionados aos diferentes elementos do espaço público como os aspectos naturais, a presença de mobiliário ou de ambulantes. Através desse método Whyte descobriu quais espaços públicos as pessoas usam e quais não usam, e por quê, quais elementos atraem e quais repelem.

Suas pesquisas converteram-se em artigos, livro e documentário - *The Social Life of Small Urban Places* [A Vida Social dos Pequenos Espaços Públicos]. Este livro foi resultado de um projeto de pesquisa, de dez anos feito na cidade de New York, conhecido como *Street Life Project*. Nele Whyte aponta alguns elementos-chaves que podem ser usado para transformar espaços decadentes em espaço saudáveis.

## ELEMENTOS-CHAVES DO ESPAÇO PÚBLICO BEM SUCEDIDO

Os estudos de Whyte são baseados na vida social dos espaços urbanos, sobretudo os pequenos, e a qualidade de vida que esses transmitem a população. Ele também observou que a qualidade espacial não está necessariamente ligada a dimensão ou a forma do espaço público.

*“Eu findo, então, em louvar aos pequenos espaços [...] tais lugares são inestimáveis”.*

[Whyte, 1980, tradução nossa].

■ Ao longo do seu projeto de pesquisa Whyte observou alguns padrões de comportamento dos espaços públicos bem-sucedidos:

■ São mais acessíveis, sociáveis, democráticos. Tendem a ter uma ampla variedade de usuários independente da idade, raça, nível sócio-cultural;

■ Possuem uma ampla quantidade de atividades e são utilizados durante todo o dia, não somente em horários esporádicos;

■ Apresentam uma grande quantidade de pessoas - casais, mulheres desacompanhadas, grupos, entre outros.

■ As pessoas são a maior atração das praças. Elas tendem a contemplar as demais pessoas ou se agrupar próximos a locais com atividades;

■ A proporção de grupos ou de mulheres é um índice de seletividade e demonstra se o espaço é seguro ou não. Quanto maior a proporção mais seguro é o espaço;

Presença da “triangulação”- um processo espontâneo que estimula o contato entre pessoas desconhecidas impulsionando uma conversa - gerado pela proximidade dos assentos ou a observação de uma escultura.

Conclui-se que um bom espaço urbano oferta e cria demandas, estimula as pessoas para novos hábitos - piquenique, almoços ao ar livre - e fornece novos lugares para uso. Em conjunto com as observações do comportamento humano, Whyte aponta alguns outros elementos que estimulam a usabilidade do espaço:

### 1- Espaços para sentar

Apesar de parecer evidente, esse aspecto nem sempre é percebido pelo projetista de espaço público, como ele afirma: “Os projetos mais impressionantes, não pode induzir as pessoas a entrar e se sentarem se não houver nenhum lugar para sentar” [1980, p.28, tradução nossa].

Ele também explica que local para sentar não precisa ser necessariamente o tradicional banco, pois as pessoas têm uma forte inclinação para apoiar-se em quaisquer superfícies planas que desempenhe essa função - escadas, bordas de canteiro, muretas, balizadores, mastros e qualquer outra que possa servir de assentos - basta considerá-los no ato de projetar. Outro local bastante escolhido pelos usuários para assento eram os gramados.

É comum a redução intencional de espaços com potencial para assento e a presença de obstáculos físicos - cercas, grades, arbustos, bordas altas ou inclinadas - para impedir que as pessoas se sentem, pois o objetivo é manter a ordem e afastar usuários indesejáveis. Mas essas práticas podem acontecer num tal grau que



[07] Detalhe de mobiliário em uma praça em New York. Fonte: Úrsula Nóbrega.

os espaços podem tornar-se despovoado e tornarem-se contrários a sua razão se ser.

Foi observado que as praças mais populares possuem quantidade proporcional de assentos em seu perímetro e em seu interior. Também esclarece que a quantidade de lugar para sentar tem mais relação com a possibilidade de escolha do que a fatores qualitativos. As pessoas gostam de ter opções de escolher onde e qual tipo de assento eles querem sentar, essa premissa faz com que as cadeiras móveis sejam muito populares.

Nas observações foi percebido que as pessoas que utilizavam as cadeiras móveis sempre as mudava de lugar como um ato de apropriação. Essa cadeira além de flexível também é socialmente confortável, permite uma variedade de combinações para sentar como ampliar ou reduzir um círculo de conversa, e possibilita uma distância social simbólica; o simples ato de afastar-se de um grupo de pessoas já transmite uma mensagem silenciosa de respeito e priva-

cidade. Outro aspecto positivo dessa cadeira é que ela tende a ser mais ergonômicas e confortável, com presença de encostos e braços.

Whyte explica que o ato de sentar deve ser fisicamente e socialmente confortável. É ideal que os assentos - bancos e cadeiras - tenham encosto ou apoios agradáveis e que a pessoa se sinta confortável em quaisquer posições ou circunstâncias. Também foi percebido que as pessoas preferem sentar-se em lugares definidos a sentar-se no meio de espaços abertos.

Conclui-se que os fatores para o bom uso das praças são: espaços para sentar, flexibilidade, conforto e design dos assentos. Mobiliários fixos e isolados uns dos outros não são ideais pois não possibilitam maleabilidade social. O ideal é ter várias opções de assentos, quando possível projetar mobiliários móveis, projetar bancos ou degraus com angulação de 90°, por ser mais confortável e planejar bancos, bordas ou canteiros largos que possibilitem acomodar confortavelmente uma pessoa de cada

lado. " O melhor caminho é maximizar a "sentabilidade" [...] Isso significa [...] fazer meios para que outra superfície plana tenha dupla função como tampos de mesa ou assentos" [WHYTE, 1980, p.28, tradução nossa].

## **2- Árvores**

Segundo Whyte existem muitas razões para manter as árvores nas calçadas e em espaços abertos, mas a principal deve ser a razão climática. É comum que em áreas públicas existam poucas árvores, quando elas existem geralmente são muito altas ou suas áreas sombreadas possuem obstruções - cercas ou canteiros - que impossibilitam qualquer possibilidade de uso em baixo.

Whyte relata que espaços embaixo da sombra das árvores são os preferidos pelos usuários, pois passam uma sensação de acolhimento e faz com que os usuários se sintam protegidos, além de oferecer uma boa visão das circulações. Outro fator interessante ao ambiente é a composição que a folhagem e a luz solar fazem sob as árvores.

Ele recomenda aos projetistas o plantio de árvores em conjunto como também a combinação de áreas sombreadas com as áreas para sentar. Em locais como a cidade de Fortaleza as árvores com copas frondosas são necessárias não só pelas sombras mais também pela sensação térmica e microclima que geram.

## **3- Comida**

Comida é um ótimo elemento para se dispor no espaço público pois, como afirma White: "Se você quer um lugar com atividade, ponha

comida [...] Comida atrai pessoas, que atraem mais pessoas" [1980, p.51 e 52, tradução nossa]. Em qualquer lugar que dispõe de muito fluxo ou aglomerações de pessoas é comum a presença de vendedores ambulantes de comidas. Pessoas se agrupam em seu entorno principalmente em horários de pico. Os vendedores fazem negócios em qualquer lugar que seja bom para negócios, mesmo que sua presença seja proibida.

Apesar de ocuparem parte das ruas, tornando o tráfego de pedestres mais lento, e de quase sempre não ter licença para ocupar esses espaços, os ambulantes são catalisadores da vida ao ar livre da cidade, personagens importantes que dão vida ao espaço público. Os ambulantes preenchem o vazio, e isso se torna bastante claro quando eles são proibidos, uma boa parte da vida do espaço vai com ele. Eles também suprem uma demanda que não é atendida pelo estabelecimento comercial regulamentado.

A comida é forte indicador da sociabilidade do lugar, pois espaços públicos bem-sucedidos possuem local para se alimentar.

## **4- Conexão com a rua**

Outro elemento destacado como essencial em um ambiente, é a rua. A rua é o único elemento que o autor não fez uma crítica de design, e também é o único dentre os demais elementos que não podem ser adicionados, pois deve ser planejado de maneira integrada com a praça. O acesso a um lugar é a condição essencial para usá-lo. De acordo com Whyte [1980, p. 57, tradução nossa] "A área onde a rua e a praça se encontram é a chave para o sucesso ou fracasso. Idealmente, a transição deverá ser tal que é difícil de dizer onde uma termina e a



[08] Paley Parque em New York. Fonte: Úrsula Nóbrega.

começa o outra."

Whyte aponta as esquinas e calçadas como ponto de contato essenciais entre a rua e as praças. As esquinas são pontos cruciais de uma calçada, é nela que uma boa praça começa. As pessoas tendem a escolher o centro do fluxo de pedestres ou as esquinas como locais de interação social, e permanecer lá bloqueando o tráfego e sendo empurrado por ele. Se a esquina for movimentada ela deve ser aparelhada com bancos ou canteiros com bordas agradáveis para sentar ou se apoiar, isso é uma excelente solução para dar suporte e potencializar as atividades realizadas nas esquinas, além de tornar mais confortável e convidativo.

*"As pessoas não estão apenas esperando que o sinal mude. Alguns irão permanecer para conversação; outros, em alguma fase de uma despedida prolongada. Se existe um vendedor na esquina, as pessoas vão se aglomerar em torno dele, e haverá tráfego considerável de ida e volta entre a praça e a esquina."*

[WHITE, 1980, p. 54 tradução nossa].

Uma calçada bem-sucedida é aquela que além de atender a função primordial, a circulação, atende também as funções secundária, como o comércio. A melhor maneira de privilegiá-la é desobstruindo seu acesso físico. Muros, grades, cercas e topografia acidentada são barreiras que obstruem fisicamente e visualmente a rua ao interior da praça. De acordo com Whyte [1980, p. 58 traduções nossa] "Se as pessoas não vêm um espaço, eles não vão usá-lo." É essencial que as pessoas possam ver a rua.

O transeunte das calçadas podem se sentir convidado a adentrar a praça a medida que olham e interagem visualmente com o seu interior ou com outros usuários do espaço, desta maneira as escadas são um importante conector entre a rua e a praça. Quanto mais baixos e largos forem os degraus de uma escada, mais confortáveis e atrativas para transeunte.

## 5 - Água

Outro elemento interessante para os ambientes urbanos é a água. Por ser um elemento fino e possuir qualidades ambientais e estéticas, ela ultimamente tem sido bastante usado nos projetos na forma de espelho d'água, fontes, quedas d'água, cachoeira e outras.

Sol e o vento também foram apontados por Whyte como essenciais para fomentar atividades em um ambiente, porém a maneira como ele os tratou em suas pesquisas não correspondem com a realidade de Fortaleza. Da mesma forma a água que apesar de trazer sensação térmica agradável não poderá ser incorporada ao projeto por causa da atual crise hídrica por qual passa nosso estado.

## PROJECT FOR PUBLIC SPACES

Em 1975, Fred Kent - aluno e parceiro de William H. White - funda o *Project for Public Spaces* [PPS] baseado nas técnicas *Life Project Street*. O PPS é uma organização educacional, sem fins lucrativos, de planejamento e design que se dedica a orientar instituições e pessoas a "criar e manter espaços públicos que constroem comunidades" mais fortes. O PPS ampliou e difundiu amplamente as obras de White e também foi quem pioneiramente aplicou o conceito de *placemaking*.

Segundo o site oficial, o PPS já realizou mais de 3000 comunidades em cinquenta países, nas últimas quatro décadas, mas só chega ao Brasil em 2014. O PPS é organizado pela *Placemaking Leadership Council*, uma equipe multidisciplinar formada por diversos profissionais e conta com mais de 900 membros - os *placemakers* - engajados em aplicar os princípios do *placemaking* em todo o mundo.

A metodologia PPS considera um conjunto de critérios que lhes permitem avaliar o espaço público e definir seu êxito: sociabilidade, diversos usos e atividades, conforto e boa imagem, acesso e ligações. Esse critérios são organizados em quadro para aplicação da metodologia *placemaking*, com o intuito de aumentar a comunicabilidade e facilitar sua aplicação.

Essas diretrizes servem tanto para grandes escalas como para pequenas escalas de intervenção. É interessante ressaltar que essas diretrizes partem do entendimento que o *placemaking* é um processo e não um resultado.

Um das diretrizes mais didáticas para projeção dos espaços públicos desenvolvidas pelo PPS é os 11 Princípios Fundamentais para a transformação de qualquer espaço público, veja quadro azul na página seguinte.

Outra diretriz que auxilia na projeção dos espaços públicos é o conceito do *Power of 10 +* [O poder dos 10]. O *Power of 10 +* é um princípio que pode ser aplicada múltiplas escalas [lugar, vizinhança e cidade]. Ela consiste em pensar 10 grandes razões para as pessoas estar num lugar, e o que leva as a voltar para um lugar

ou ter uma experiência memorável.

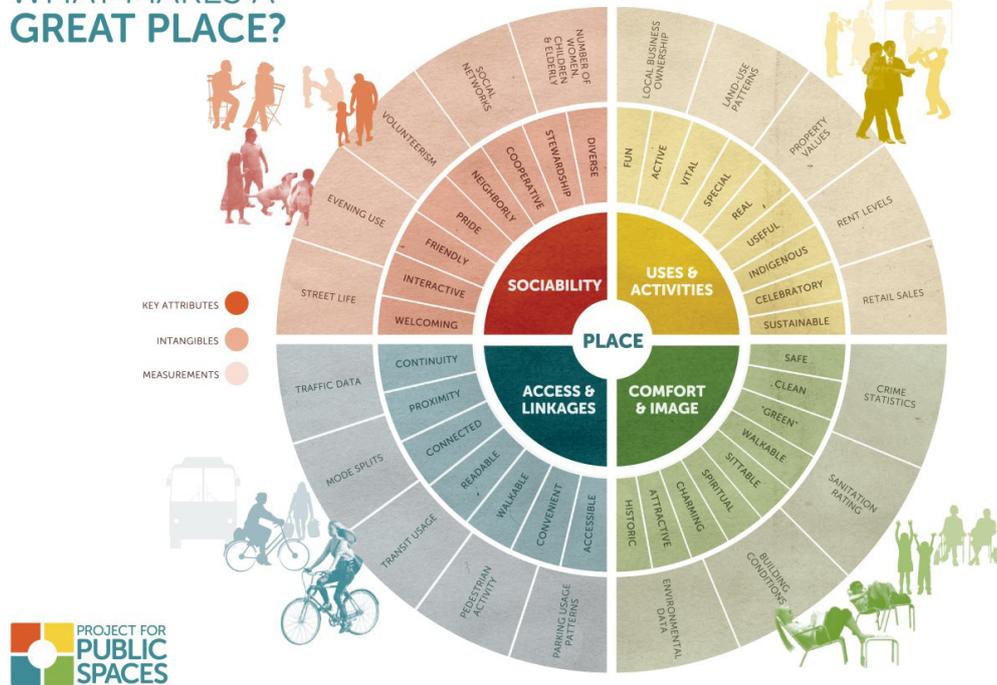
A flexibilidade é um dos principais valores da usando o *Power of 10* como uma estrutura para pensar sobre o lugar. O *Power of 10* mostra que prestar atenção à experiência humana, a escala humana - tantas vezes esquecida - na construção de destinos e distritos de uma cidade pode ter impactos imediatos na construção do lugar.

### POWER OF 10+ HOW CITIES TRANSFORM THROUGH PLACEMAKING



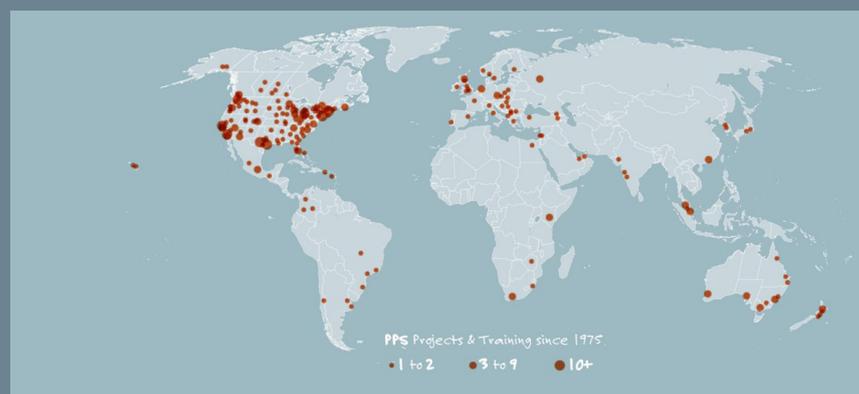
[09] Conceito do Power of 10 +, usando o exemplo de Nova York e Bryant Park. Fonte: [www.pps.org](http://www.pps.org).

## WHAT MAKES A GREAT PLACE?



[10] Diagrama do Lugar é uma das ferramentas PPS tem desenvolvido para ajudar as comunidades a avaliar seus lugares. O círculo interno representa os principais atributos de um lugar, o círculo do meio suas qualidades intangíveis, e o círculo externo seus dados mensuráveis. Fonte: [www.pps.org](http://www.pps.org).

- A comunidade é o especialista;
- Crie lugar, não um desenho urbano;
- Procure parceiros;
- Você pode aprender muito apenas observando o lugar;
- Ter uma visão para o espaço;
- Comece com o mais leve, mais rápido e mais barato;
- Princípio da triangulação;
- A forma deve suportar a função;
- Eles sempre dizem "não pode ser feito";
- Dinheiro não é o problema;



[11] A rede mundial do PPS inclui atualmente mais de 900 place-makers em 50 países. Fonte: [www.pps.org](http://www.pps.org).

## PLACEMAKING

O termo em inglês *Placemaking* significa, de modo literal, "fazendo lugares". Conforme Annah Mackenzie, uma das colaboradoras do *Project for Public Spaces*, quando lugar físico tem propósito e significado para a sua comunidade, torna-se um lugar simbólico.

O termo foi fundado nos anos 70 a partir das idéias inovadores que surgiram no urbanismo. O conceito do *placemaking* passou a ser utilizado por diversos profissionais [planejadores, urbanistas, paisagistas] como uma nova abordagem de planejamento, gestão e design dos espaços público.

Entende-se *Placemaking* como uma postura urbanística, de metodologia projetual e de filosofia, que tem a qualidade dos espaços públicos como a chave para a identidade de um lugar. Ele defende que os espaços públicos devem ser pensados para que sejam palco da vida pública de uma comunidade.

É um conceito que: vê o lugar na sua totalidade ao invés de elementos isolados; atenta

para os problemas de pequena escala na tentativa de melhorar a revitalização do lugar; possibilita a integração da comunidade ao processo de planejamento e projeto dos espaços, afinal ninguém é mais apto do que a própria comunidade.

No *Placemaking* o processo participativo - observar, perguntar, escutar, vivenciar e descobrir as reais necessidades e aspirações da comunidade - é a pedra angular. Esse processo de integrar diversas opiniões em uma única visão coesa assegura: a implementação sustentável do plano, um melhor desenho urbano, facilita padrões de uso e fortalece as identidades físicas, culturais, sociais e ecológicas que definem o lugar. O *Placemaking* busca elaborar um lugar que priorize a qualidade humana e urbana.

"... Todas as pequenas coisas que fazem um local memorável."

"... A criação de um ambiente em que as pessoas gravitam em torno."

## PLACEMAKING É:

- Conduzido pela comunidade
- Visionário
- Função antes da forma
- Adaptável
- Inclusivo
- Focada na criação de destinos
- Específica do contexto
- Dinâmico
- Interdisciplinar
- Transformativo
- Flexível
- Colaborativo
- Sociável

## PLACEMAKING NÃO É:

- De cima para baixo
- Reacionário
- Forma antes da função
- Fixo
- Exclusivo
- Focado no carro
- Generalizado

## PROJETO QUADRA ANTIGA [VILA MASCOTE, SÃO PAULO]

Quadra Antiga é um projeto de revitalização que acontece em Vila Mascote, mais precisamente na Rua Tenente Américo Moretti, entre a Rua Jorge Duprat Figueiredo e Travessa Anidrita. O projeto surgiu a partir da iniciativa da Construtora Sabiá em contratar um grupo de técnicos e artistas - Ateliê Azul, o Coletivo Rua, o Café na Rua e a Conexão Cultural - para elaborar um projeto de remodelagem visual na rua do seu empreendimento.

Em 100 metros de extensão de rua, as fachadas das casas foram reformadas, novo sistema de recolhimento do lixo foi implantado e produção de lixeiras coletivas customizados; sinalização de via com a pintura de ciclo faixa; painéis informativos comerciais, para os moradores informarem serviços que prestam.

Também existe uma proposta para a rua aos domingos ser fechada ao trânsito de veículos para atividades de convivência comunitária. A revitalização da rua foi celebrada com muita comida, microfone aberto e participação de músicos locais. Esse projeto é uma representação real de um empreendedorismo social, revitalização de moradias, manifestação da cultura periférica e articulação comunitária.



[12] Projeto Quadra Amiga – Vila Mascote, São Paulo. Imagem: Conexão Cultural, via Placemaking Brasil



[13] Projeto Quadra Amiga – Vila Mascote, São Paulo. Imagem: Conexão Cultural, via Placemaking Brasil

## ESTUDO DE CASO

Segue duas experiências relativamente bem-sucedidas de reanimação do espaço público. Estas praças exemplificam como um espaço público deixou de ser uma área residual e ociosa, e se tornou um local ocupado pela população.

### PRACINHA DA CIDADE 2000

Praça da Cidade 2000 está localizada na praça da Av. Central, abriga o 15º Distrito Policial e uma praça de alimentação ao céu aberto. O espaço possui com perfil longitudinal, estreito com dimensões de 66m x 15m e uma área de aproximadamente 962m².

O local é um ponto de encontro e lazer da comunidade, dispõe ao todo cerca de 15 vendedores e é bastante frequentado no período da noite durante toda a semana. Seu entorno imediato também é repleto de estabelecimento gastronômicos.

Atividades que existem:

- Barracas com diversidade de comidas [típicas, petiscos, lanches rápidos, doces, sushi, pastel, açaí, churrasquinhos, entre outros] com preços acessíveis;
- Barracas com bijuteria, brinquedos e outros artigos;
- Playground p/ criança;
- Músicas ao vivo;

*“Este exemplo da cidade 2000 deveria ser modelo. Praça é pra ser assim, cheia, de uso comum. A vida urbana ficaria mais leve, humanizada, menos estressante e mais segura.”*

*[Neide Rigo, professora e turista de São Paulo]*

A cidade 2000 é muito semelhante ao bairro Messejana quanto ao perfil arquitetônico, com casas de conjunto; socioeconômico, classes média e baixa; tendência a usufruir do espaço público - ruas, calçadas, praças, feira - como um local de convívio social.

## PRAÇA BÁRBARA DE ALENCAR [MEDIANEIRA]

A praça está localizada na Av. Heráclito Graça e foi reformada em 2014. A revitalização é fruto de uma parceria público-privada entre a Prefeitura de Fortaleza e a Construtora Novaes Engenharia, por meio do programa municipal 'Adoção de Praças e Áreas Verdes'. A Novaes Engenharia além de reformar a praça também é responsável por mantê-la por dois anos.

A praça possui um perfil longitudinal, estreito com dimensões de 135m x 15m e uma área aproximada de 2.000 m². Desde a sua reinauguração ela ganhou novo piso, com a instalação de piso tátil e quatro rampas de acesso para cadeirantes, bancos, iluminação, playground, quadras poliesportivas e academia ao ar livre, além da recuperação da estátua de Bárbara de Alencar.

A instalação desses equipamentos incentiva a ocupação do espaço para práticas saudáveis e de socialização das pessoas que residem e trabalham no entorno. Atualmente as quadras de basquete é usada no fim de tarde e pela madrugada, além de receber torneio de basquete de rua.

Equipamentos que existem:

- Street basketball;
- Quadra de vôlei de praia;
- Playground;
- Academia ao ar livre;
- Placa informativas;
- Banca de revista;
- Calçadas acessíveis.

*“Aqui acabou se tornando um ponto para rever os amigos e também um local para conhecer gente nova. Um equipamento como esse na cidade é sempre bem-vindo.”*

*[Artur Flávio, coordenador comercial e usuário da praça]*



[14] Vista da quadra da Praça Bárbara de Alencar.

[15] Vista do playground da Praça Bárbara de Alencar.

[16] Vista da Praça Bárbara durante a noite.

## THE GOODS LINE [SYDNEY, AUSTRÁLIA]

É um parque elevado localizado no setor sul da cidade de Sydney e resultado de uma das iniciativas do governo australiano para renovação urbana da cidade. O espaço de 500 metros de extensão, inspirado no projeto do High Line, transformou uma antiga infraestrutura industrial em infraestrutura social.

A proposta projetual apostou na criação de um novo polo cultural e valorizou uma antiga linha de trens fechada desde de 1854, convertendo-a em um grande espaço público aberto. Buscando manter o estilo do corredor de trens o espaço foi construído sobre plataformas elevadas e entre edifícios culturais e educacionais - Prefeitura de Sidney, Museu Powerhouse, Universidade de Tecnologia de Sidney, UTS Frank Gehry e entre outras.

Situado quatro metros acima do corredor ferroviário existente, as plataformas permitem receber eventos e fluxo de pedestres e ciclistas, favorecendo os deslocamentos no sentido Leste-Oeste na cidade. O design intencionalmente não-linear cria subespaços que geram uma variadas oportunidades de usos. O percurso é configurado de forma dinâmica, mudando à medida que ele se move. A estética é lúdica, com cores chamativas, mobiliário bem leve, e presença de materiais - o aço, o cascalho e a madeira - que fazem referência ao passado industrial.

Atualmente a área é densamente desfrutada pelos habitantes e turistas, além de ser o novo coração cívico de Sydney. Frequentemente recebe eventos culturais e de entretenimento. O espaço já dispõe de arquibancada, anfiteatro, ping pong, bancos corridos, anfiteatro, área recreativa para crianças, áreas de piquenique, gramados e serviços de *wi-fi*. Também prever de um recinto público de leitura, bares, cafés e restaurantes, espaços pop-up e um esquema de horta comunitária.

A execução do parque foi feita em duas etapas. O trabalho nos primeiros 250 metros do parque do setor norte já foi concluído no final de 2015. Agora só resta os trabalhos na zona sul que transformará os 250 metros restantes em

um espaço de recreação com jardins comunitários.

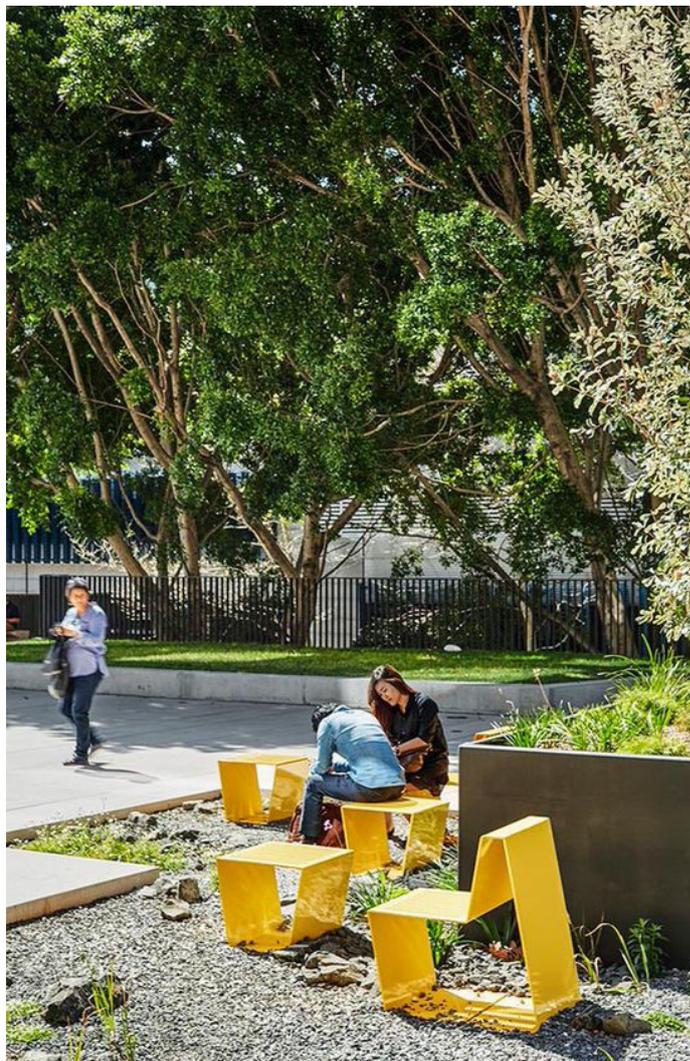
O parque foi projetado pelo ASPECT Studio em parceria com o CHROFI sendo um ótimo exemplo de projeto da paisagem contemporânea. O projeto também foi vencedor dos prêmios Austrália Award for design Urbano e Políticas, programas e Conceitos - Pequena Escala em 2014.

É um parque elevado localizado no setor sul da cidade de Sydney entre a Praça de Trens e o Porto Darling. Foi resultado de uma das iniciativas do governo australiano, para renovação urbana da cidade, e inspirado no projeto nova-iorquino High Line. O espaço de 500 metros de extensão transformou uma antiga infraestrutura industrial em infraestrutura social.

A proposta projetual apostou na criação de um novo polo cultural e valorizou uma antiga linha de trens fechada desde de 1854, convertendo-a em um grande espaço público aberto. Buscando manter o estilo do corredor de trens o espaço foi construído sobre plataformas elevadas e entre edifícios culturais e educacionais - Prefeitura de Sidney, *Museu Powerhouse*, Universidade de Tecnologia de Sidney, UTS Frank Gehry e entre outras.



[17] The Goods Line. Fonte: landarchs. com.



[18] The Goods Line. Fonte: landarchs. com.



[19] Mapa de situação da parque. Fonte: Archdaily.



Filha da água e das árvores, Messejana brotou de um chão que há séculos era palmilhado por povos de vários lugares e matizes. Depositária de uma brisa encantada, soprada do Atlântico o ano todo, e de um solo encharcado pela água mais pura, vinda das profundezas da terra, tronou-se uma paisagem imemorial, ornada por um pôr do sol incomparável, um verde de cor única e uma lua amarelada, como se seu claro fosse perene cachoeira dourada a tingir suas madrugadas.

[FREITAS, 2013, p.8 e 9].

# ANTECEDENTES HISTÓRICOS

## EXPANSÃO URBANA

A então Vila de Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção, no fim do século XVIII, era um povoado que se concentrava basicamente no entorno imediato do Forte militar. O povoado mal passava de um areal com um traçado torto, que seguia o percurso do rio, com casas de palha e algumas edificações em tijolo no entorno.

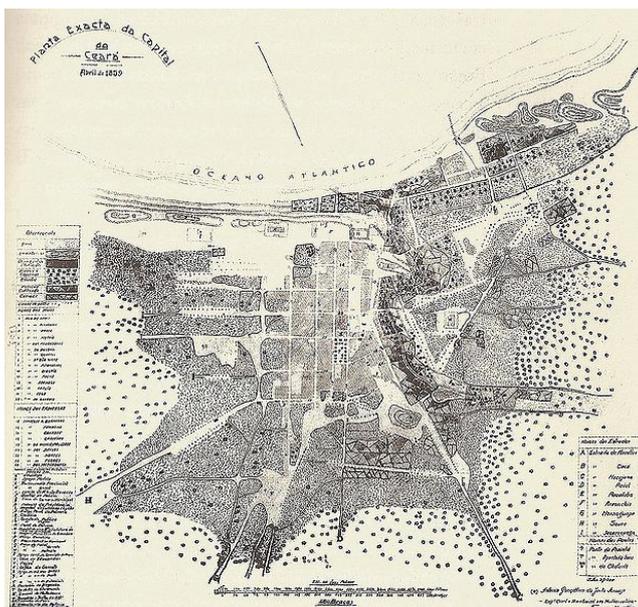
Somente no século XIX, com a exportação do algodão do interior para o porto, Fortaleza conseguiu expressar-se como estrutura urbana. Em virtude do escoamento de algodão, os distritos da Parangaba, Mondubim, Antônio Bezerra e Messejana, que tem ocupação tão antiga quanto a capital, que outrora eram inexpressíveis, passaram a ser significantes na economia do Estado.

Nos séculos XIX e XX, as vias férreas e as estradas de rodagem que ligavam a Fortaleza aos distritos foram implantadas seguindo a configuração territorial dos antigos caminhos do algodão e do gado. Outro aspecto influenciou a anexação desses distritos a capital foi às con-

secutivas secas entre o fim do século XIX e o início do século XX.

Essas secas geraram uma grande quantidade de flagelados, que migraram tanto para a capital quanto para os núcleos urbanos independentes - Parangaba, Mondubim, Antônio Bezerra e Messejana - instalando campos de concentração e desta forma contribuíram para o aumento da densidade demográfica e o processo de formação de alguns bairros.

A partir da primeira metade do século XX, com a descentralização do Centro da capital, os distritos sobressaem cada vez mais como núcleos urbanos independentes. Messejana já desfrutava de certa autonomia e autossuficiência desde que era vila, se destaca por ser uma zona de aprazíveis chácaras por seus atributos naturais, sua densa vegetação nativa e sua exuberante Lagoa. Posteriormente outras características tornaram o bairro mais conhecido, tais como os serviços médicos, a religiosidade, a educação, e o comércio.



[20]



[21]



O Justa 1919

[22]



[23]



[24]



[25]

[20] Mapa de Fortaleza de 1859. Fonte: Wikipedia. [21] Mapa do sistema viário 1947. Fonte: Professor Liberal de Castro. [22] Estrada de Messejana 1944. [23] Lagoa de Messejana. Fonte Carlos Juçaba. [24] Estrada de Messejana 1919. Fonte: Site Fortaleza Nobre. [25] Estrada de Messejana, data não identificada. Fonte: Wikipedia.

## O BAIRRO

Existem duas versões a respeito do significado do nome "Messejana". A primeira tem natureza ficcional, defendida pelo escritor José de Alencar que afirma que o termo, em tupi-guarani, significa "lagoa abandonada".

A outra, fundamentada por fontes, apresenta o termo "mosjona", palavra de ascendência árabe cujo significado é "cárcere" ou "prisão" e com o tempo sofreu variações lingüísticas culminando em Messejana. Essa hipótese é comprovada pois desde o século XIII, em Portugal, já existia uma vila com o mesmo nome. Desta maneira o nome Messejana foi uma expressão trazida de Portugal.

Messejana foi à quarta vila inaugurada na capitania do Ceará. A então aldeia de São Sebastião da Paupina passa a ser chamada de Villa Nova Real da Mecejana da América, como descrita na Ata de Fundação da Vila de Mecejana.

*Ao primeiro dia do mês de janeiro de 1760 anos, nesta aldeia de Paupina no lugar da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, lugar destinado para servir de Praça desta nova villa que fica sendo orago a mesma senhora defronte ao terreno que fica medido e batizado para fazerem as casa de Câmara. [...] no referido lugar na Praça desta Villa que denominou com todo o termo e distrito e mais logradouros de que está de posse com o título de Villa Nova Real da Mecejana da América.*

[STUDART, 2004, p.232-233].

A aldeia limitava-se a poucas casas, a maioria de taipa, ao redor da pequena capelinha dedicada à Nossa Senhora da Conceição construída pelos índios, e alguns traçados de rua que não iam muito além da capela, sem contar com a lagoa, que ficava em frente. Com o tempo a Vila foi se transformando gradualmente em grandes sítios, alguns deles conservados até hoje, e seus nomes originais continuam servindo de referências para os bairros da região.

Dentre os sítios da época pode-se destacar o Sítio Alagadiço Novo, adquirido pelo Senador José Martiniano de Alencar, local onde nasceu o escritor José de Alencar em 1829. A

propriedade também foi pioneira no cultivo da cana-de-açúcar, além de outras iniciativas, dentre elas a instalação do primeiro engenho a vapor do Ceará.

Messejana teve papel relevante na economia do Ceará. No século XVII foi caminho de passagem para o gado e das charqueadas. Nos séculos XVIII e XIX serviu de via para o escoamento do algodão, vindo da região do Jaguaribe e Sertão Central, até o porto de Fortaleza.

No início do século XIX, deu-se continuidade ao projeto da estrada carroçável ligando Messejana à capital, obra que demorou quase um século para ficar pronta. No fim desse mesmo século, em razão das secas rigorosas, muitos retirantes foram se refugiar em Messejana. O Governo da Província abriu várias frentes de trabalho e muitas obras foram construídas pelos próprios flagelados, dentre elas: a estrada que hoje serve de leito para a atual Avenida Frei Cirilo.

Somente em 1936, a Inspetoria de Obras Contra a Seca, atual DNOCS, concluiu o calçamento da estrada de Messejana. Em 1948, o trecho de 11 quilômetros que ligava o distrito à Fortaleza foi asfaltado. Na década de 70, com o crescimento da cidade no sentido norte-sul, a expansão urbana é nítida, com a construção das rodovias CE-040 e BR-116, que ladeiam Messejana.

Com o tempo Messejana transforma seus engenhos de cana-de-açúcar em sítios agrícolas "modernos", no início do século XX. O local também era bastante escolhido para descanso da classe média alta, por ter um clima mais ameno e agradável.

No fim do século XX, a seca obrigaram alguns proprietários dos grandes sítios a venderem parte de suas terras por baixos preços. No final da década de 80, inicia-se a expansão da estrutura urbana e os grandes sítios são parcelados e transformados em loteamentos.

O bairro possui um histórico de desenvolvimento urbano bastante acelerado e variado. No final do século XX, torna-se bastante heterogêneo quanto aos aspectos sócio econômicos, sendo bastante procurado pela classe média alta para moradia.



**A praça é o espaço da prática da via pública e tem um papel predominante no desenho e na vida das cidades, desde mundo mediterrâneo até hoje [...] é um espaço público articulador entre a rua e a arquitetura, usado para encontros casuais ou atividades múltiplas, tal espaço vem cada vez mais desaparecendo no cotidiano urbano.**

**[ALEX, 2011, p.275]**

# ANÁLISE E DIAGNÓSTICO

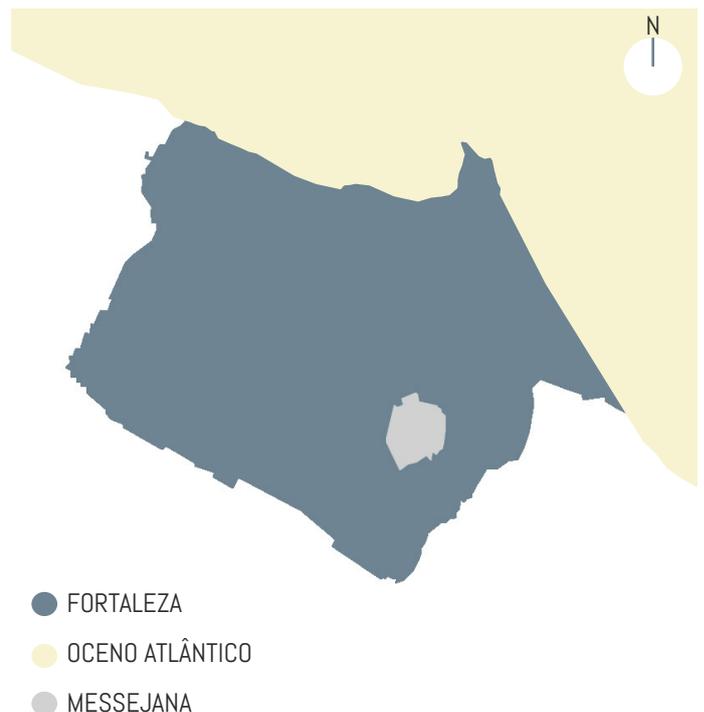
## CATEGORIA DE ANÁLISE

Pretende-se nesse capítulo realizar um levantamento de dados sobre a área de estudo. Para essa finalidade foi aplicada a metodologia de Avaliação Pós-Ocupação [A.P.O]. O presente estudo de intervenção parte da análise de um recorte do bairro Messejana mais precisamente no loteamento do Sítio José Cândido.

Os resultados adquiridos servirão para analisar a realidade da dinâmica sócio espacial da área estudada, como o nível de satisfação dos usuários, e revelar suas carências e pretensões para a área. A partir disso, gerar mapas de diagnóstico que serão usados na elaboração do programa de necessidade e posteriormente o projeto de intervenção de caráter urbanístico e paisagístico.

Essa análise da área de intervenção tomou como fundamentos os princípios de estudos sobre praças e aplicação da avaliação pós-ocupação realizadas por William White e por Sun Alex. O livro "Projeto de Praça: convívio e exclusão no espaço público" de Sun Alex foi uti-

lizado como base para elaboração dos mapas de diagnóstico e análise do espaço estudado.



[26] Mapa mostrando limites da cidade de Fortaleza com a localização de Messejana.

## MAPA DE ANÁLISE DO BAIRRO:

**Contexto Geral:** onde será analisado de forma geral os aspectos econômicos e geopolítica do bairro como também os principais eixos de acesso ao bairro, à estrutura viária, os principais nós, marcos visuais de referências e o padrão de parcelamento do solo do bairro e a definição do bairro no contexto geral da cidade, relação com bairros adjacentes.

**Áreas verdes:** onde será analisada a quantidade de espaços públicos que são destinados à praça dentro do bairro, quais desses espaços estão realmente sendo utilizados para essa finalidade, quais espaços não são oficialmente reconhecidos como praça, mas que funcionam como tal.

**Tecido urbano:** no qual a área será analisada pelo aspecto físico-espacial - onde delimitará os dois loteamentos limítrofes a área de estudo, destacando suas áreas verdes e institucionais - e o aspecto demográfico e socioeconômico - onde será observado o gênero, a faixa etária, alfabetização, renda e por fim o IDH do bairro.

## MAPA DE ANÁLISE DA ÁREA DE INTERVENÇÃO:

**Entorno:** onde será observada a relação da área verde com seu entorno imediato, o perfil espacial, a ocupação e uso do solo, o gabarito das edificações, o tipo de pavimentação de cada via e as infra-estrutura de mobilidade urbana.

**Situação Atual:** onde será avaliada a atual situação geral da área e o perfil de cada setor, apontando problemas e potencialidades.

**Relevo e Infra-estrutura Urbana:** onde será analisado as curvas de nível, a permeabilidade, a declividade do terreno, além da drenagem e sistema de esgoto.

**Arborização:** onde será investigada a origem da vegetação, a posição, o porte e quais espécies existentes na área.

**Uso e Conformidade:** onde será empregado a metodologia de A.P.O, que consiste na aplicação de algumas ferramentas de levantamento de dados, são eles: [1] observações assistemáticas de uso, em horários diferentes e intervalos regulares; [2] mapeamento comportamental, observando a quantidade e diversidade de pessoas, atividades desenvolvidas, convívio entre gerações e contato entre estranhos; [3] levantamento fotográfico, para registro do uso e de situações de desajustes entre projeto e o uso;

[4] entrevista e aplicação de questionários com usuários do espaço. [Alex, 2008. p.129]

**Não Conformidade:** no qual será constatado o confronto de uso com as intenções do projeto e desacordos com a situação construída. São observações pontuais de uso ou do mau uso, com o objetivo de localizar e identificar e sistematizar em três categorias básicas: intervenção oficial, projeto e uso.

Todos os mapas foram elaborados pela autora com base nos mapas cadastral de Levantamento Topográfico da Prefeitura Municipal de Fortaleza [PMF], os arquivos fornecidos pela Secretaria Municipal do Urbanismo e Meio Ambiente [SEUMA] e em mapas e vistas aéreas fornecidas pelo Google Earth.

A localização das massas arbóreas, bancos, postes, campo de futebol e bueiros foram realizados através de visita local e pela ferramenta Google Earth. Está sujeito a possíveis incompatibilidades com a real configuração do desenho da área, mas para análise de uso e proposta hipotética de projeto pretendido é considerado satisfatório.



[27]



[28]

[27] Meninos moradores do bairro exibindo pipa. [28] Morador explicando com a área se organiza e como a comunidade a utiliza.

## CONTEXTO GERAL

Após a reforma administrativa de 1997, Messejana passa a ser não somente um distrito mais também um bairro. O bairro está sob jurisdição da Secretaria Executiva Regional VI [SER VI] e faz limite com os bairros Cajazeiras, Parque Iracema e Cambeba, ao norte, Ancuri, Paupina e Coaçu, ao sul, José de Alencar, Curió e Guajeru, ao leste, e Barroso e Jangurussu, ao oeste.

É sede da SER VI e é formado pelas comunidades do Sítio São José, Conjunto São Bernardo, Conjunto Nova Conquista, Parque Pampulha, Parque Canaã, Parque Manueira, Vila Nova e Conjunto dos Bandeirantes.

Messejana atualmente é um bairro em expansão, com considerável tendência a verticalização, com moderada taxa populacional e com um centro comercial bastante ativo. Todos os principais equipamentos de caráter público ou privado necessários para um bom funcionamento da cidade são encontrados neste bairro.

É também uma área bastante visada para moradia, em virtude de sua ampla quantidade de terrenos e sua considerável oferta de serviço e comércio. De acordo com a Legislação de Uso e Ocupação do Solo [LUOS] do Município de Fortaleza, o bairro é um dos que possuem prioridade para ocupação e para melhorias na infraestrutura para as próximas décadas.

As rodovias BR-116 e CE-040, as avenidas Frei Cirilo e José Hipólito são os caminhos<sup>1</sup> essenciais para o bairro. As rodovias BR-116 e CE-040 compõem os limites<sup>2</sup> físicos, a oeste e a leste respectivamente. As avenidas Frei Cirilo e José Hipólito são os essenciais eixos de ligação do bairro com os demais eixos viários, como também são os eixos mais antigos.

Os principais nós<sup>3</sup> de ligação acontecem no encontro das principais vias internas com os eixos viários que delimitam o bairro. É comum a presença de viadutos nesses nós de ligação, como os viadutos próximo ao Hospital de Messejana, ao Terminal de Messejana e ao Centro Administrativo da Ypióca. O bairro também fará parte do binário BRT 4 - BR116/Aguanambi, projeto de mobilidade municipal [PAITT].

Os demais pontos nodais de concentração são: Hospital da Messejana [Coração], Terminal de ônibus interurbano de Messejana, Terminal Rodoviário de Messejana, Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, Feira da Messejana, Complexo Esportivo Valter Lacerda [Murilão], Hospital de Saúde Mental de Messejana, Hospital Distrital Gonzaga Mota [Gonzaguinha], Secretaria Executiva Regional VI e em breve o Gran Shopping.

Os marcos<sup>3</sup> visuais de referências que mais identificam o bairro são: o Terminal da Messejana, o Hospital do Coração, a Lagoa da Messejana e a Igreja Matriz.

O parcelamento do solo no bairro é resultado da segmentação dos antigos sítios e possui um caráter relativamente ortogonal e regular, facilitado pela topografia moderadamente plana. A malha viária é descontínua e o parcelamento do solo é frequentemente perpendicular a esses eixos viário, então localizar-se dentro do bairro nem sempre é fácil.

Apesar de sua boa localização, de seus índices no bem-estar urbano elevados, de seu centro comercial dinâmico, de ser alvo de empreendimentos imobiliário, de ser um importante pólo de fluxos, e de influenciar os bairros vizinhos, que comõem a Grande Messejana, o bairro possui parques espaços públicos livres.

<sup>1</sup> **Caminhos:** É o elemento mais percebido como estruturador do espaço, seja por seu tipo de uso, característica, continuidade, vegetação, qualidade espacial ou direcional. De acordo com Kevin Lynch (1997, p.60) "As vias com origem e destino claros e bem conhecidos tinham identidades mais fortes, ajudavam a unir a cidade e davam ao observador um senso de direção sempre que ele passava por ela".

<sup>2</sup> **Limites:** São elementos lineares que constituem bordas entre duas regiões distintas. Segundo Kevin Lynch (1997, p.71) "Os limites sejam eles [...] de margens de rio, de rodoviárias, muros ou de bairros, são características típica desse ambiente e tendem a fragmentá-lo". Os limites são mais fortemente percebidos quando não são apenas visuais, mas também contínuos na sua forma ou quando não permitem a permeabilidade da circulação.

<sup>3</sup> **Nós ou pontos nodais:** São pontos de ligação ou estratégicos na cidade, importantes focos para onde se vai e de onde se vem. Os pontos nodais podem ser de conexão, de concentração, ou temático. Variam em função da escala e podem ser: esquinas, bairros, viadutos. Os nós, assim como os bairros, podem ser introvertidos, péssima definição de direção, ou extrovertidos, ótima definição das ligações e direções.

<sup>3</sup> **Marcos:** São elementos físicos ou elementos pontuais - edifícios e esculturas - considerados externos ao observador mas que causam familiaridade ao mesmo. Sua principal característica é a singularidade, algum aspecto que o torne único ou notável no contexto. O predomínio espacial do marco pode ser obtido: tornando o elemento visível a partir de muitos lugares, ou por estabelecer um contraste com os elementos mais próximos.



MALHA ORTOGONAL  
MOSTRANDO O DESENHO  
DOS LOTEAMENTOS



# MAPA GERAL

- CASA JOSÉ DE ALENCAR
- TERMINAL RODOVIÁRIO
- CUCA JANGURISSU
- IGREJA
- FUTURO SHOPPING

- CENTRO GASTRONÔMICO
- CENTRO COMERCIAL
- LAGOA DA MESSEJANA
- LOCALIZAÇÃO DA ÁREA

- PRINCIPAIS NÓS VÁRIOS
- PRINCIPAIS VIAS INTERNAS AO BAIRRO MESSEJANA
- PRINCIPAIS EXOS VÁRIOS
- LIMITES DOS BAIRROS



## ÁREAS VERDES DE USO PÚBLICO

As áreas verdes urbanas são consideradas como o conjunto de áreas intraurbanas que apresentam cobertura vegetal, arbórea [nativa e introduzida], arbustiva ou rasteira [gramíneas] e que contribuem de modo significativo para a qualidade de vida e o equilíbrio ambiental nas cidades.

Conforme o Capítulo II da LUOS [2006], Área Verde é o percentual da área do parcelamento destinada exclusivamente a praças, parques, jardins para usufruto da população.

Messejana possui quantidade razoável de conjuntos habitacionais [trinta e nove] e conseqüentemente possui uma quantidade significativa de área pública para convívio ao ar livre, porém esses espaços são bastante escassos e carecem de equipamentos e mobiliário.

No bairro existem vinte e sete espaços públicos oficialmente destinados à praça. Deste número, quatro tornaram-se uso institucional, quinze transformaram-se em uso habitacional e misto, e dois viraram propriedade particular, apenas seis continuaram sendo praça.

Nota-se que o índice de áreas destinadas à praça que foram ocupadas irregularmente é o mais alto dentre as causas apresentadas. Casebres construídos em terrenos baldios e áreas públicas, praça e leito de via, é bastante recorrente no bairro.

Desses seis espaços públicos oficiais que ainda são usados como praças, destacam-se três: a Praça da Igreja Matriz, a Praça Deputado Paulo Benevides e Praça do Conjunto dos Bandeirantes. As outras três praças são de pequeno porte e muitas vezes não possuem equipamentos ou encontram-se subutilizados e com péssimas manutenções.

No bairro existem ainda outros sete espaços públicos que não são oficialmente considerados praças, pelo mapas cadastral de Levantamento da PMF, mas que são utilizadas para este fim. No total o bairro dispõe de treze espaços públicos usados como praças.

A área verde livre para uso público do Sítio José Cândido analisada nesse trabalho apesar de ser considerado pelo levantamento topográfico da PMF, não é considerada praça pela SER VI e desta forma também não é tratada como tal.



[29] Loteamento que limita a área em estudo.



[30] Praça da Igreja Matriz da Messejana.



[31] Mapa de áreas verdes públicas.

■ ÁREA DE PRESERVAÇÃO  
 ■ ÁREA DE PRAÇA OCUPADA POR PROPRIEDADE PRIVADA  
 ■ PRAÇA EM USO  
■ ÁREA DE PRAÇA COM OCUPAÇÃO IRREGULAR



[32] Mapa de loteamento.

■ OUTROS LOTEAMENTOS  
 ■ LOTEAMENTO SÍTIO JOSÉ CÂNDIDO  
 ■ LOTEAMENTO SÍTIO SÃO JOSÉ  
  ÁREA LIVRE EM ESTUDO

## TECIDO URBANO: ASPECTO FÍSICO E ESPACIAL

O espaço livre para uso público do loteamento do Sítio José Cândido é demarcado ao norte pelo loteamento Sítio São José, e ao sul pelo loteamento Sítio São José Cândido. A área possui uma localização relativamente central e estratégica dentro do bairro, estando próxima aos principais eixos viários, ao Centro e a Lagoa de Messejana.

O loteamento Sítio São José é de 1981, tendo como proprietários os herdeiros de Raimundo Estácio de Sousa. É composto por 94 quadras que, em sua maioria, apresentam um padrão de quadras e formatos similares, tornando-se mais orgânico somente quando se aproximam da área analisada.

Neste loteamento, a porcentagem destinada à área verde corresponde a menos de 1% de sua área total, e atualmente encontra-se ocupada por habitações precárias. Não existe área prevista para instalação de equipamentos urbanos ou comunitários, e a área destinada à circulação corresponde aproximadamente 29% da área total do loteamento.

Essas porcentagens podem ser compreendidas, pois a legislação que fixa os índices urbanísticos para a aprovação de parcelamentos urbanos em todo o território nacional só entrou em vigor após 1979, com a promulgação da Lei 6.766. Atualmente os loteamentos tem a obrigação de transferir ao Município no mínimo de 35% [trinta e cinco por cento] da gleba, para instalação de sistema de circulação, espaços livres de uso público e equipamentos urbanos e comunitários.

Já o loteamento Sítio José Cândido é de 1987 sendo propriedade da construtora Estrela. É constituído por três quadras, com formato mais orgânico com tamanho e dimensões diferentes, que abrigam respectivamente os Condomínios Morada da Lagoa, Estrela da Manhã e José de Alencar.

Cerca de 40% desse empreendimento é destinado para equipamentos urbanos e comunitários, sistema viário e espaços livres de uso público - porcentagem acima da recomendada pela

Legislação – sendo 19% dessa porcentagem destinada para espaços livres de uso público e 5% para equipamentos comunitários.

A planta do loteamento Sítio José Cândido foi registrada pelo Instituto de Planejamento do Município [IPLAM] no município de Fortaleza, em 1987. Nesse registro não estava previsto a implantação de uma Estação de Tratamento de Esgoto [E.T.E] dentro do espaço destinado a área verde do loteamento. Percebe-se que houve uma descaracterização da área verde, entre o registro do projeto até a construção do loteamento e a A E.T.E ocupa cerca de 22% dessa área.

Observa-se que a apropriação de espaços públicos destinados à área verde acontece nos dois loteamentos apresentados. Quanto a presença de área institucional, o loteamento Sítio São José já não possui, pois já foi todo ocupado por habitações irregulares, enquanto que o loteamento Sítio São José Cândido possui, porém, o terreno não está sendo utilizado para este fim.

A área de estudo está compreendida entre vias relevantes para o bairro - a Av. Frei Cirilo e a CE-040 - e em um espaço de muita visibilidade e um significativo eixo de conexão dentro do bairro, direcionando diversos trajetórias de deslocamentos. O um tecido urbano nessa região tem grande permeabilidade, todas as ruas dos loteamentos convergem para a área analisada, o que torna o local propício à convergência de fluxos. Apesar do considerável volume de fluxos - pedestres, ciclistas e veículos - nota-se pouca sinalização na região.

Convergem para área algumas ruas, como Pedro Vaz, Coronel Matos Belo, Bartolomeu Dias, Cesário Lange, Três, Cirilo e a avenida, Tenente José Newton. A área também recebe fluxos que vem da Av. Frei Cirilo, do Centro da Messejana, e da CE-040, que provém pela Rua Dr. Joaquim Bento.



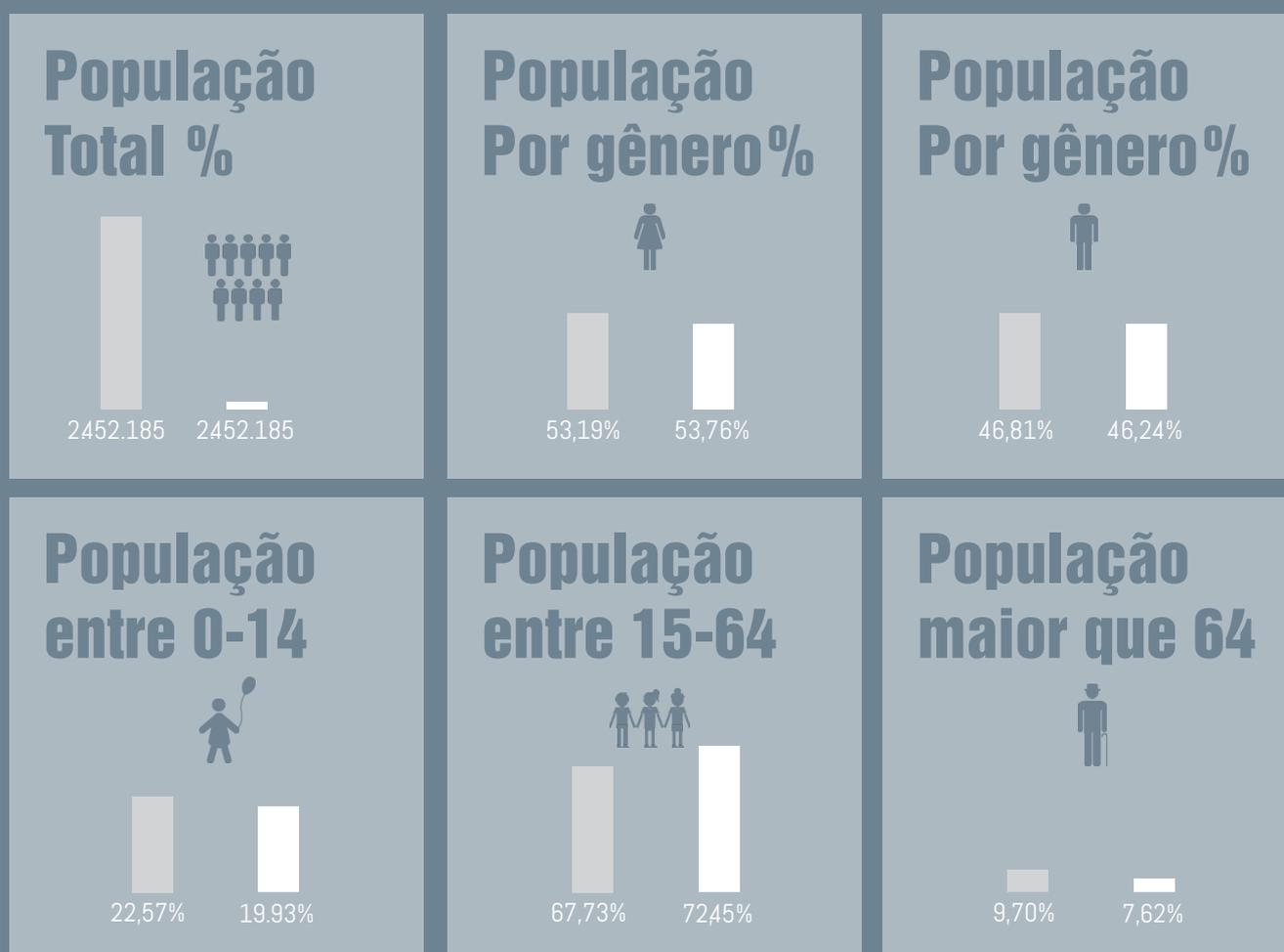
[33] Mapa mostrando os loteamentos que originaram a área em estudo.

## ASPECTOS DEMOGRÁFICOS E SOCIOECONÔMICOS

Serão analisados os dados demográficos e os socioeconômicos do bairro Messejana e da capital, fazendo assim um comparativo de dados. Messejana é um bairro heterogêneo e com histórico de desenvolvimento urbano variado, então os dados não representam a realidade exata do loteamento sítio São José, servindo apenas como um guia para retratar o perfil da área analisada.

A população do bairro Messejana corresponde a 1,7% da população total de Fortaleza. Quanto aos aspectos demográficos, faixa etária e população alfabetizada os dados da área são bastante semelhantes aos da capital. Quanto à renda e IDH esses dados destoam.

No bairro em questão aproximadamente 46% da população são do gênero masculino enquanto que 53% são do gênero feminino. Quanto à faixa etária, a maior parte da população está entre 15 e 64 anos [67-72%], seguida pela população que está entre 0-14 anos [19-22%] e por último os acima de 64 anos [7-9%]. No tocante à educação, nota-se que quase toda a população é alfa-



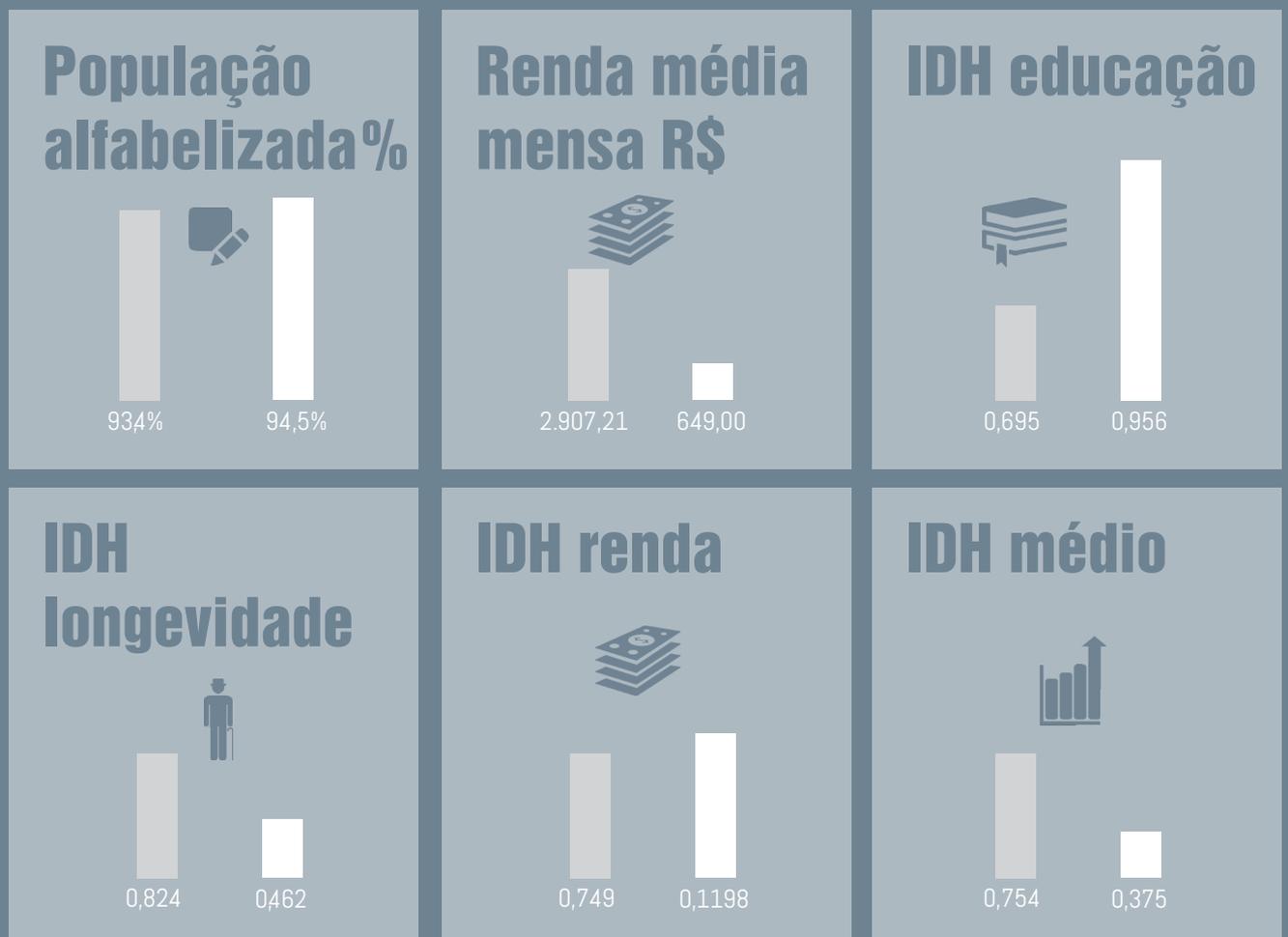
■ FORTALEZA ■ MESSEJANA

Fonte: IBGE – Censo de Demográfico, 2010. Elaboração IPECE.

betizada [93-94%].

No que diz respeito à renda mensal os dados do bairro e da capital são bem diferentes, a renda de Messejana corresponde a 22,31% da renda da capital. Apesar do IDH educação do bairro ser superior ao da capital, os demais IDH - longevidade e renda - são inferiores, resultando um IDH médio baixo. O IDH médio de Fortaleza [0,754] é o dobro do IDH médio da Messejana [0,375].

Conclui-se que a área possui um perfil mais feminino, particularmente jovem e adulto, alfabetizado, com renda e IDH relativamente baixo.



## ENTORNO

No entorno imediato a área estudo, o uso do solo é relativamente compacto, contínuo e predominantemente residencial; as edificações possuem um gabarito baixo e não possui nenhum conjunto arquitetônico com valor significativo.

A região ao norte, que fazem fronteira direta com área verde, possui um perfil mais horizontal e é composta por construções uni-familiar de um ou dois pavimentos, com presença de coabitação em alguns casos [uma média de 341 moradores por domicílio]. Possui muita permeabilidade viária no tecido urbano e o uso de terreno é variado vai desde bares até depósito de construção.

A região ao sul, que faz fronteira indireta com a área, possuem formato mais orgânico e pouca permeabilidade viária no tecido urbano. Essas quadras, com perfil mais vertical, são formadas por blocos de condomínios multifamiliar espaçados entre si e com gabarito de cinco pavimentos.

As vias do entorno da área são predominantemente locais, caracteriza-se por ter pouco ou moderado trânsito de veículo, é comum a presença de pessoas sentadas na calçada ou de carros estacionados ao longo dessas vias. A única rua que destoa dessa classificação é a Rua Bady Miguel, que é coletora. Todas as vias do entorno da área possuem sentido duplo de direção.

Uma parcela significativa dos usufruidores do local faz uso diário da área apenas para locomoção e advém das residências do entorno. Apesar do potencial para uso e da dinâmica de fluxo de veículos e pedestres, o aspecto geral do lugar é quase de abandono.

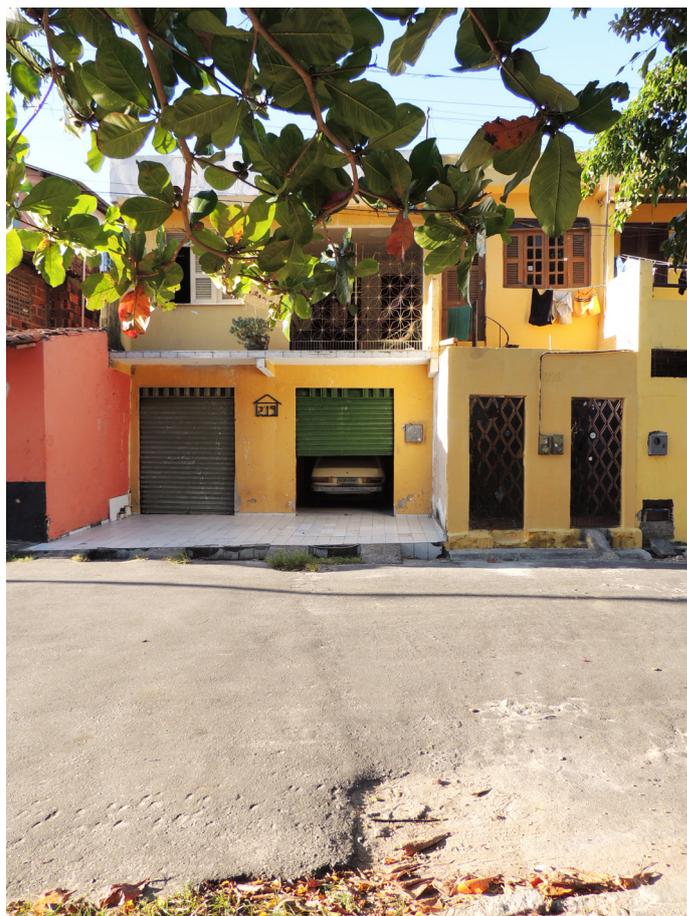
[34] Mapa mostrando a localização da área de estudo, demarcada pela linha branca. [35] Vista da área. [36] Vista das edificações do entorno da área. [37] Vista da área mostrando estado de abandono.



[34]



[35]



[36]



[37]



## LEGENDA:

**Residencial unifamiliar** - Predominantemente na região ao norte da área analisada. É proporcional a quantidade de habitações de um pavimento e de dois pavimentos e bastante comum a coabitação e a autoconstrução. Apesar das edificações do entorno serem relativamente recentes, cerca de duas a três décadas, elas têm aparência singela, são compostas por materiais simples e são destituídos de ornamentos ou design mais refinado. Os lotes em sua maioria são estreitos e compridos [7x28m], diferente da configuração original do loteamento [14x28m].

**Residencial Multifamiliar** - Predominantemente na parte ao sul da área verde, composto por três quadras com blocos de condomínios fechados, no total de 36 blocos de apartamentos de cinco pavimentos cada. Na porção ao norte da área verde existem alguns exemplos de residencial multifamiliar e de quitinete.

**Misto** - Após o uso habitacional, esse uso é o mais comum na área. Seus lotes assim como do habitacional são estreitos e compridos. Presente nas principais vias do loteamento, geralmente de pequeno e médio porte, tendo seus tipos mais comuns: bares, salão de beleza, galeria, armazéns, confecções, padaria, lanchonetes, depósitos.

**Comércio e Serviço** - Não possui tanta presença como os usos residencial e misto, talvez por ser próximo ao Centro da Messejana. Estão presente nas principais avenidas e ruas da região e dentro o comércio e serviços presentes nas redondezas estão imobiliárias, borracharia, serviços de concerto de motos, eletrodomésticos, e os supermercados. Este último é o tipo mais comum de comércio na região e geralmente seu lote seguem o padrão original do loteamento [14x28m]. À medida que fica mais próximo a área central da Messejana, mais marcante é sua presença.

**Institucional** - Praticamente inexpressivo na área, contam apenas com a presença duas igrejas, a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja da Congregação Cristã no Brasil.

**Lazer** - Extensa área verde com alto potencial paisagístico e de interação social para se tornar um espaço público utilizado pela população local.

**Vazios**- Extensa área verde com alto potencial

ÁREA COM SINALIZAÇÃO

VIA SEM PAVIMENTAÇÃO



PARA DE ÔNIBUS

VIA PAVIMENTAÇÃO EM PEDRA

VIA COLETOTRA



VIA ASFALTADA



## INFRAESTRUTURA E MOBILIDADE

### SISTEMA VIÁRIO

**Via Coletora** - Destinada a coletar e distribuir o trânsito que tenha necessidade de entrar ou sair das vias de trânsito rápido ou arteriais, possibilitando o trânsito dentro das regiões da cidade. Velocidade máxima de 40km.

### LINHAS DE ÔNIBUS

O transporte público que passa pela área analisada é bastante limitado, restringe-se a ônibus urbano, com ausência de qualquer outro meio de transporte, como moto-táxi, táxi ou lotação. Pelo local passam três linhas de ônibus que circulam dentro do próprio bairro - Guajeru 1 (641), Guajeru 2 (642) e São Bernardo (686) – e próximo a área, na Av. Frei Cirilo, passam outras cinco linhas que circulam entre os bairros - Cidade Funcionário/São José (609), Messejana/Frei Cirilo/Expresso (600), Messejana/Paupina (068), Antônio Bezerra/Messejana (026) e Parque Santa Maria/Liceu (725).

#### PARADA DE ÔNIBUS

Não existe nenhuma parada de ônibus na área de estudo, as mais próximas se localizam na Avenida Tenente Newton ou na Av. Frei Cirilo, a 50m da área.

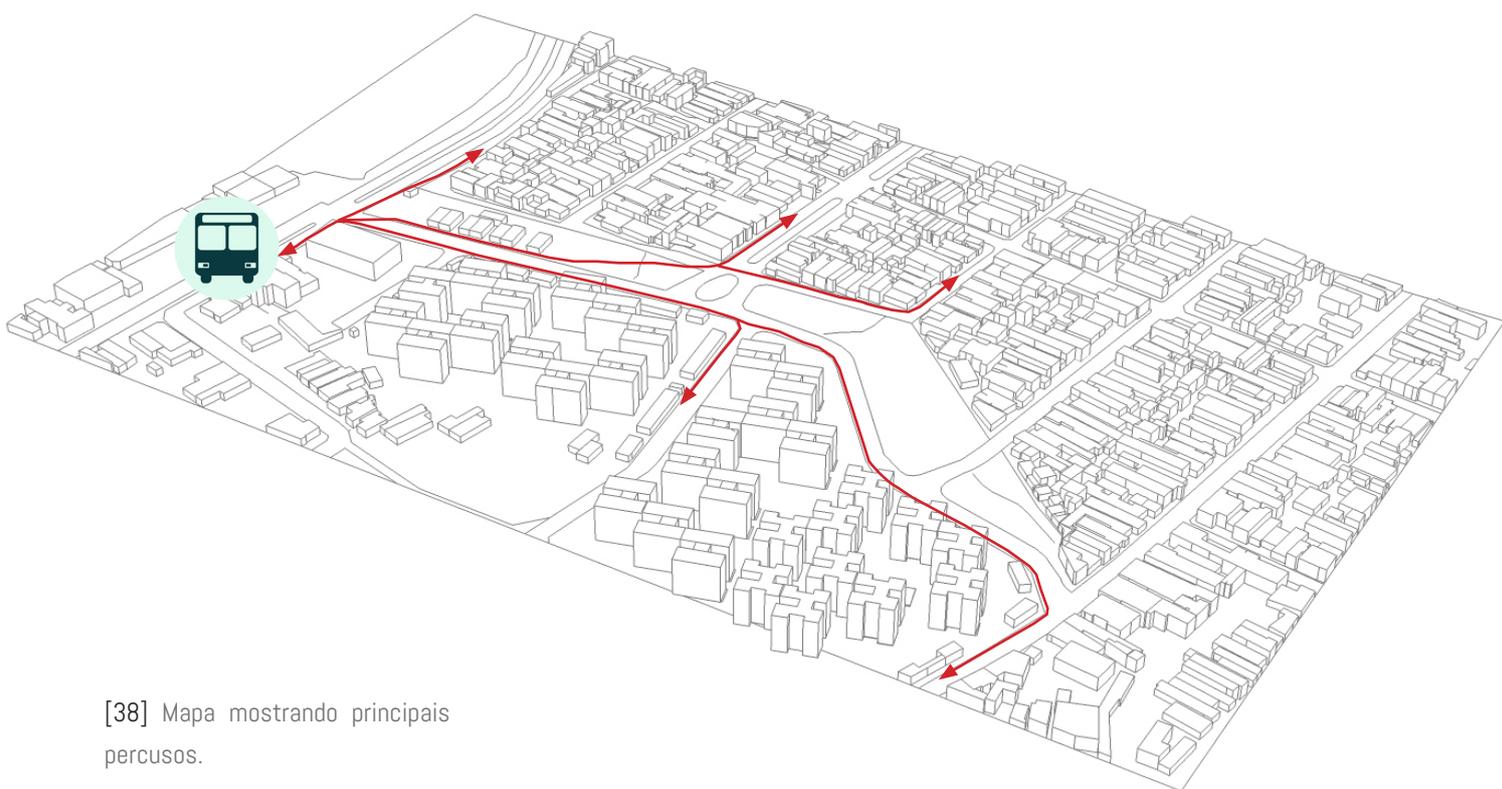
### SINALIZAÇÃO

Existe pouca sinalização na área de estudo, limitando-se a uma faixa de pedestre e um semáforo no cruzamento entre a Av. Frei Cirilo e Rua Bady Miguel. Quaisquer outros tipos de sinalização [horizontal, vertical ou dispositivos de sinalização auxiliar] são inexistentes. A sinalização é essencial na área por ser um local de convergência de vias coletoras importantes e funcionar como ponto nodal de fluxo, direção, tráfego.

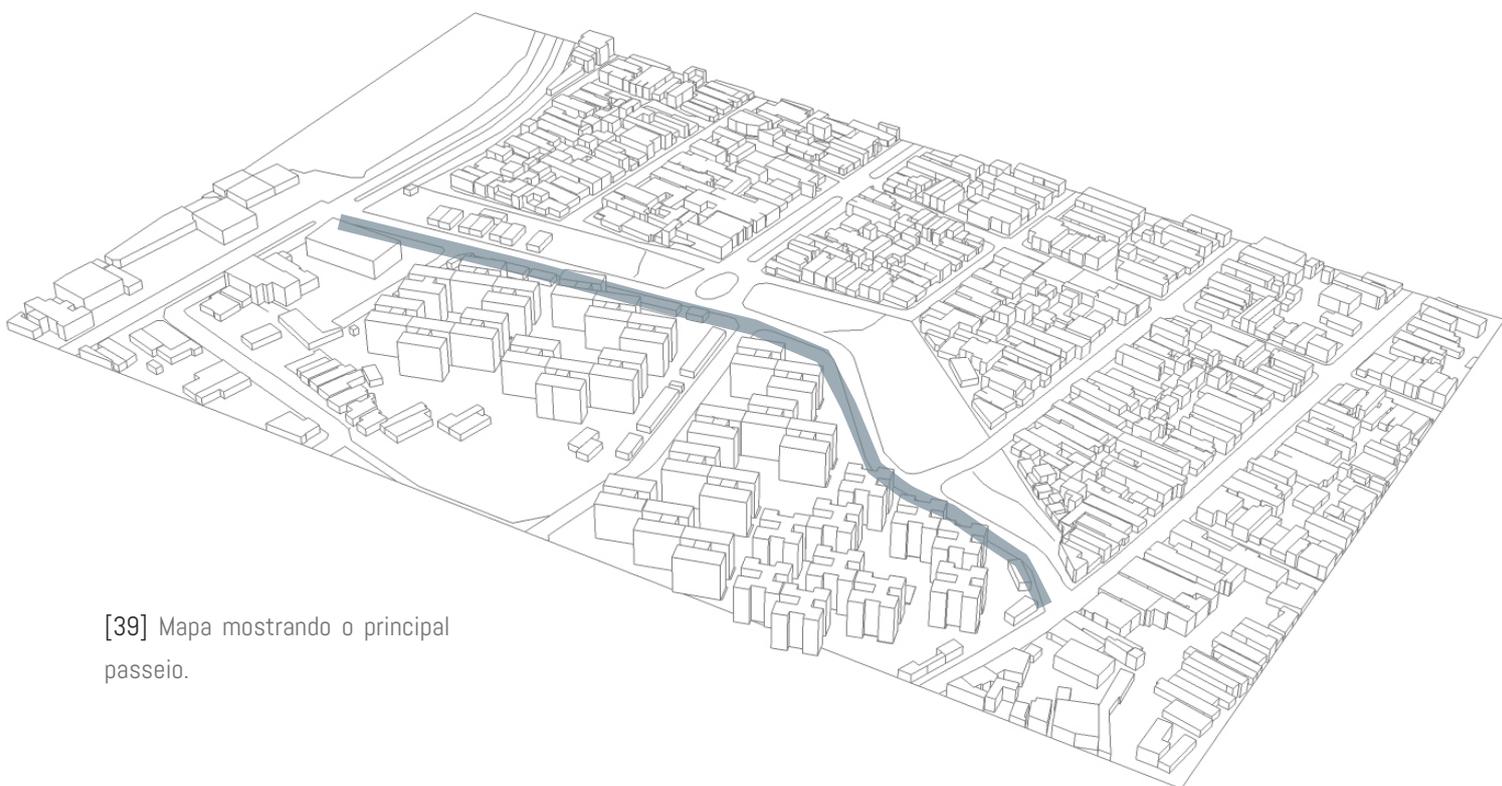
### PAVIMENTAÇÃO

**Asfalto** - A pavimentação em asfalto está presente em quase todo o entorno da área. Seu estado de conservação é considerado satisfatório e sem grandes irregularidades, como buracos ou desnivelamentos. Porém o material asfáltico dificulta a permeabilidade e tornar o micro-clima do lugar um pouco mais quente.

**Pavimentação em Calçamento** – A pavimentação em paralelepípedo está presente ao norte da área, em um curto intervalo do sistema viário. Seu estado de conservação também é considerado regular e sem grandes irregularidades. Essa pavimentação é de baixa manutenção, bastante resistente ao tráfego de veículos e pessoas, apesar de inadequada para rotas acessíveis. A pavimentação também induz os veículos a reduzir a velocidade e promove uma sensação térmica agradável.



[38] Mapa mostrando principais percursos.



[39] Mapa mostrando o principal passeio.

**Ausência de Pavimentação** - A ausência de pavimentação acontece num trecho, ao oeste da área, que é bastante utilizado como via de pedestre. Essa via está no seu estado original, de terra batida e areia, e interliga duas ruas em níveis topográficos diferentes.

#### **CIRCULAÇÃO E PASSEIOS**

As calçadas do entorno da área são pavimentadas em cimentado rústico, praticamente não possuem arborização e a acessibilidade acontece de maneira parcial, os passeios são planos e regularizados, mas não dispõe de rampas, sinalização no piso ou guias rebaixadas.

Nota-se que os transeuntes preferem caminhar na calçada que contornam os condomínios, pois são mais largas e sombreadas, em determinados períodos do dia o muro gera sombras no passeio. Apesar de serem estreitas e interrompidas por montes de lixos, as calçadas que delimitam a área verde são utilizadas para prática de caminhadas.

#### **PERCURSOS INTERNOS**

Os percursos internos ou via de pedestre surgem de maneira espontânea a partir da inexistência de passeios internos na área e também da necessidade dos transeuntes em fazer os seus percursos diários em menor distância e de maneira mais rápida possível. Esses caminhos não possuem pavimentação, frequentemente são de areia ou barro e não seguem o alinhamento da calçada.

## SITUAÇÃO ATUAL

A área de estudo possui um aspecto longitudinal e formato curvilíneo, com extensão longitudinal de 386,98m e a transversal variante, sendo a mais larga 382m e o mais estreita 16m. A área, desde concepção, foi seccionada para passagem do sistema viário, o que definiu e configurou o local em cinco setores distintos:

**Setor 1:** que contém a E.T.E e o barranco;

**Setor 2:** o dos bares e lanchonetes;

**Setor 3:** o da rotatória;

**Setor 4:** o do campo de futebol e jardim comunitário;

**Setor 5:** o do barzinho e ambulantes.

O único setor com uso restrito e inacessível ao público é o primeiro, pois pertence a E.T.E. Todos os demais setores são acessíveis e sem restrição ao público.

A fragmentação da área, o intenso tráfego no entorno desses setores e a escassez de sinalização mostra como o pedestre é tratado como um subproduto pelos projetos de engenharia de tráfego.

Segundo uma moradora do local, a SER VI lhe informou que a área em questão era denominada como 'Praça Nossa Senhora de Fátima', no entanto, em audiência com representantes da SER VI tal informação foi negada, afirmando até que para SER VI a área em questão não é considerada praça.

Apesar de não ser considerada praça pela SER VI, o espaço público em questão fez parte de uma série projeto de urbanização de espaços públicos executados pela Prefeitura de Fortaleza, em 2003, na gestão do prefeito Juracy Magalhães. Em entrevistas com outros moradores o nome 'Praça Nossa Senhora de Fátima' não foi reconhecido como referências do local.

A urbanização executada no local foi básica contanto apenas com a instalação de alguns postes, bancos, um playground e calçada no perímetro da área verde. Nota-se que não existe nenhum projeto paisagístico ou espaços para destinados a atividades recreativas e de lazer.

Atualmente, por falta de manutenção, o escasso mobiliário e equipamentos - bancos e playground - encontra-se bastante deteriorados, não sendo mais utilizado. Os únicos que permanecem quase que inalterados são os postes e as calçadas. A iluminação da área é regular e insuficiente, principalmente onde existe arborização, tornando o local hostil ao uso e passando a impressão de ser inseguro.

A ausência de espaços públicos bem planejados e bem conservados, no bairro, inibe a população da oportunidade de aproveitar a vida pública, enfraquecendo assim a sua urbanidade.

Antes da urbanização acontecer houve algumas tentativas de apropriação do espaço público, uma pela administração do condomínio, que estava usando o espaço como depósito de lixo, e outra pelos moradores limítrofes, que estava incorporando parte da área público ao seu lote.

Após a urbanização a área verde não sofreu mais tentativa de apropriação e houve uma postura voluntária de alguns moradores, do entorno mais imediato, de zelar - limpeza, cultivo de vegetação e árvores, aterro etc.



[40] Mapa de áreas verdes.

■ SETOR 1 □ SETOR 2 ■ SETOR 3 ■ SETOR 4 ■ SETOR 5

## **Setor 1**

O setor possui um perfil retangular, com uma área equivalente a 1.922,70m<sup>2</sup> e está situada entre as curvas de nível 19m e 16m. Neste setor também está locado o terreno da E.T.E, que ocupada toda a área do setor.

A E.T.E faz um marcante fechamento visual e físico no setor, além de ser um agente poluente para o entorno imediato, causando mau cheiro e as vezes escoamento dos dejetos do esgoto nas vias lindeiras. A questão ambiental ligado ao esgoto e é algo a ser resolvido.

A rua e calçadas, por detrás da E.T.E, é frequentemente usada por grupos de conversação e crianças brincando. A rua, que limita esse setor a oeste, é intensamente usada por grande número de pessoas, apesar da falta de pavimentação e de seu acentuado declive. A pouca arborização existente no setor e está toda dentro do limite do terreno da E.T.E.

## **Setor 2**

O setor possui um perfil mais retangular, com uma área equivalente a 1.194,57m<sup>2</sup>, e um leve declive por onde passam as curvas de nível 18m e 17m. A arborização deste setor está disposta bem próxima aos passeios. O setor é limitado a sul por uma via de tráfego intenso, além de ser passagem de um grande fluxo pedestres.

Há uso comercial no térreo das edificações do entorno imediato, com concentração de lanchonetes e bares que estendem mesas e cadeiras debaixo das árvores existentes. Também é comum a presença de ambulantes, a prática de estacionar veículos dentro da área verde e a instalação de brinquedos itinerante, como pula-pula, nos fins de semana.

Nota-se na zona oeste desse setor a presença de mato e de concentração de lixo nas calçadas. Segundo morador local, existe um container de lixo no setor e a coleta da caçamba é feita uma vez por semana, assim como a coleta feita pelo caminhão de lixo é realizada duas vezes ao dia. Em visita ao local não foi contatado a existência desse container comunitário e nem que a coleta é realizada de maneira regular.



[41] Setor 1, E.T.E. Fonte: Úrsula Nóbrega.



[42] Setor 2. Fonte: Úrsula Nóbrega.



[43] Setor 2, Percursos internos e área de convivência. Fonte: Úrsula Nóbrega.

### Setor 3

O setor possui um perfil mais oval, com uma área equivalente a 209,63m<sup>2</sup>, e por onde passam a curva de nível 17m. Nota-se presença de apenas duas árvores diametralmente opostas.

Por ser ilhado, o setor funciona mais como uma espécie de rotatória, direcionando os fluxos das vias que perpassam por ele, além de ser um importante conector entre os setores 2 e 4 da área.

Observa-se a ausência de sinalização, que dificulta a travessia dos pedestres já que os veículos passam com muita velocidade neste trecho.



[44]

### Setor 4

O setor possui um perfil mais fluído e orgânico, uma área equivalente a 4.325,04m<sup>2</sup> e está situada entre as curvas de nível 18m e 15m. Neste setor está localizada a maior quantidade e diversidade de vegetação da área e também onde as construções faz limite direto.

Apesar de possuir os espaços mais “verdes” da área, segundo moradores, a manutenção de limpeza do local é ineficiente e acontece de maneira esporádica, o que resulta em acúmulo de lixos e mato.

A área possui pouco fluxo de pedestres e é frequentemente usada como um local de passagem, mas não de permanência, sendo muitas vezes evitadas por causa da quantidade sujeira, lixo acumulado e ausência de arborização ao longo do passeio.

Em trechos mais próximos a curvas sinuosas da via, os muros do condomínio geram “pontos cegos”, que dificultam a visibilidade dos motoristas que trafegam nesse percurso. Além disso, os veículos trafegam com muita velocidade e fazem ultrapassagem nesses trechos.

Neste setor, nota-se a ausência de mobiliário e equipamento, o único “equipamento” de lazer que existe é campinho de futebol, que surgiu por meio de aterros feitos pelos moradores locais.

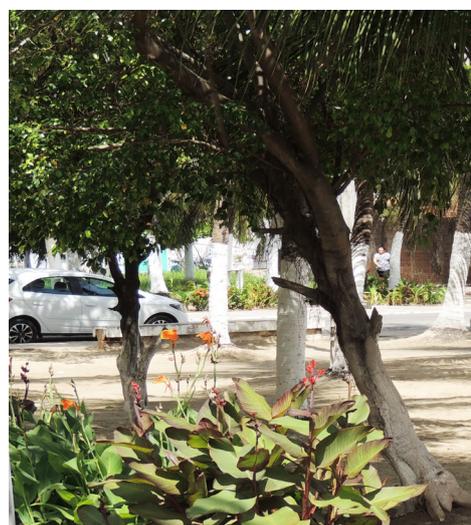
Por ser amplo e ser destituído de barreiras verticais, é bem comum às crianças empinarem pipas para se divertir. Nesse setor que todos os anos são realizados a festa do dia das crianças.

É comum a prática de estacionar dentro da área verde e nas calçadas limítrofes, principalmente próximos as residências, pois o único acesso para as garagens dessas residências é passando literalmente “por cima” da área verde.

Pela área passa um rego com diversas ligações clandestinas de esgoto.



[45]



[46]



## Setor 5

Esse setor é o menor de todos os setores. Possui uma área equivalente a 1.162,10m<sup>2</sup> e está situada entre as curvas de nível 19m e 18m.

Assim como o setor 4, este setor possui um perfil mais fluído, faz limite direto com as construções do entorno e possui um rego ao céu aberto, e o acesso as garagens de algumas edificações se faz "por cima" da área verde.

Por possuir um circuito de calçadas interligadas e limpas o setor é bem utilizado para práticas de caminhadas no período da manhã. Também é usado por ambulantes, além de fazer conexão de uso com o bar nas imediações, espaço de convivência bastante usado nos fins de semana.

Por não existir vagas para estacionamento no setor e por ser próximo a pontos comerciais, como a panificadora M&M e ao Centro de Messejana, é comum a prática de estacionar veículos nas vias ou mesmo nas calçadas.

Próximo a esse setor existe um entroncamento de vias em "Y", tal interseção não possui sinalização e dispõe de um fluxo considerável de pedestres e veículos, que freqüentemente transitam alta velocidade ou fazem retorno próximo ao entroncamento. Na calçada que margeia esse entroncamento existe uma série de balizadores em blocos de concreto, implantados pela comunidade local na tentativa de prevenir ou evitar acidentes com os tran-

[44] Setor 3, rotatória. [45] Setor 4.

[46] Setor5. Fonte: Úrsula Nóbrega.

## **TOPOGRAFIA E PERMEABILIDADE**

Apesar de ser extensa, a área estudada não é plana, existindo pelo menos quatro curvas de nível - 19m a 15m - passando por sua extensão. Sua inclinação média é de 10% e o desnível topográfico assim como o escoamento de água pluvial se dá no sentido sul-norte.

A área impermeável corresponde a 20% do total da área verde, sendo 15% dos passeios externos a área e 5% das edificações da E.T.E. Todo o restante da área verde possui a superfície permeável.

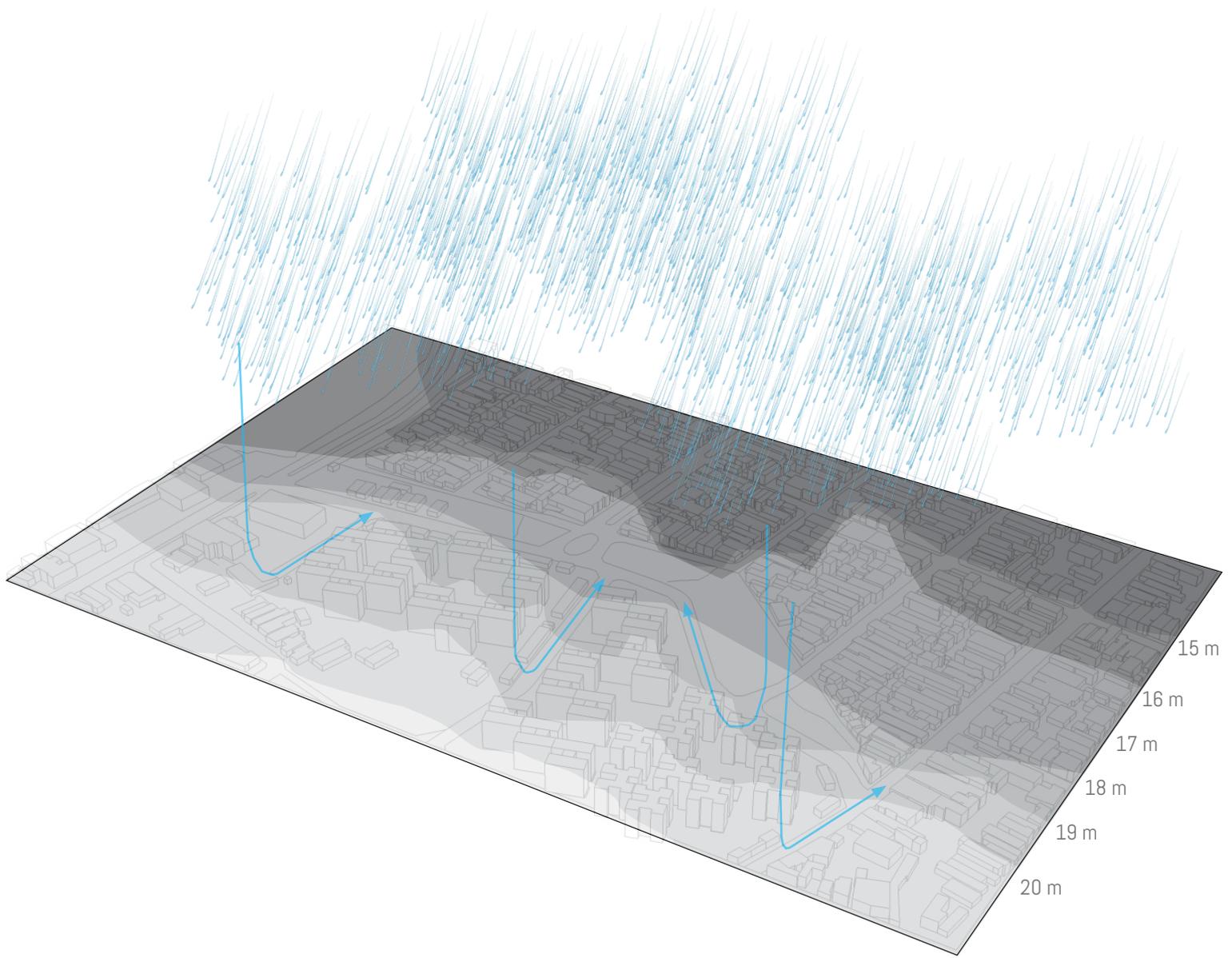
Parte do que se encontra hoje na área verde advêm de aterramentos sucessivos que modelaram a topografia, pois a região era caracterizada por ter muito mato, aguaceiro, lamaçal.

## **DRENAGEM**

Segundo os mapas cadastral, no levantamento topográfico da PMF, existe um recurso hídrico perene, que atravessa os setores 4 e 5 da área. Tal Informação não foi constatada "in loco" e confirmada pelos relatos dos residentes mais antigos da área. No trecho onde o levantamento topográfico da PMF indica ser um recurso hídrico, na verdade se encontra um rego feito pelos moradores locais para direcionar o aguaceiro e lamaçal que existia no local.

Por não suportarem mais o mau cheiro causado pela ligação clandestina de esgoto, parte desse arroio encontra-se canalizada por manilha de concreto comprada e implantada pelos moradores. Em outros trechos, o rego encontra-se ao céu aberto com ligações clandestinas de esgoto, acúmulo de impurezas, lixos, e outros resíduos poluentes, que causam mau cheiro e atraem ratos, baratas e mosquito.

A drenagem urbana existente no local é garantida por algumas galerias de águas pluviais dispostas nas principais vias, que despejam as águas pluviais diretamente no rego. Em entrevista, a população relata que a SER VI diz ter executado um projeto de drenagem para área, mas esse discurso é negado pelos moradores.



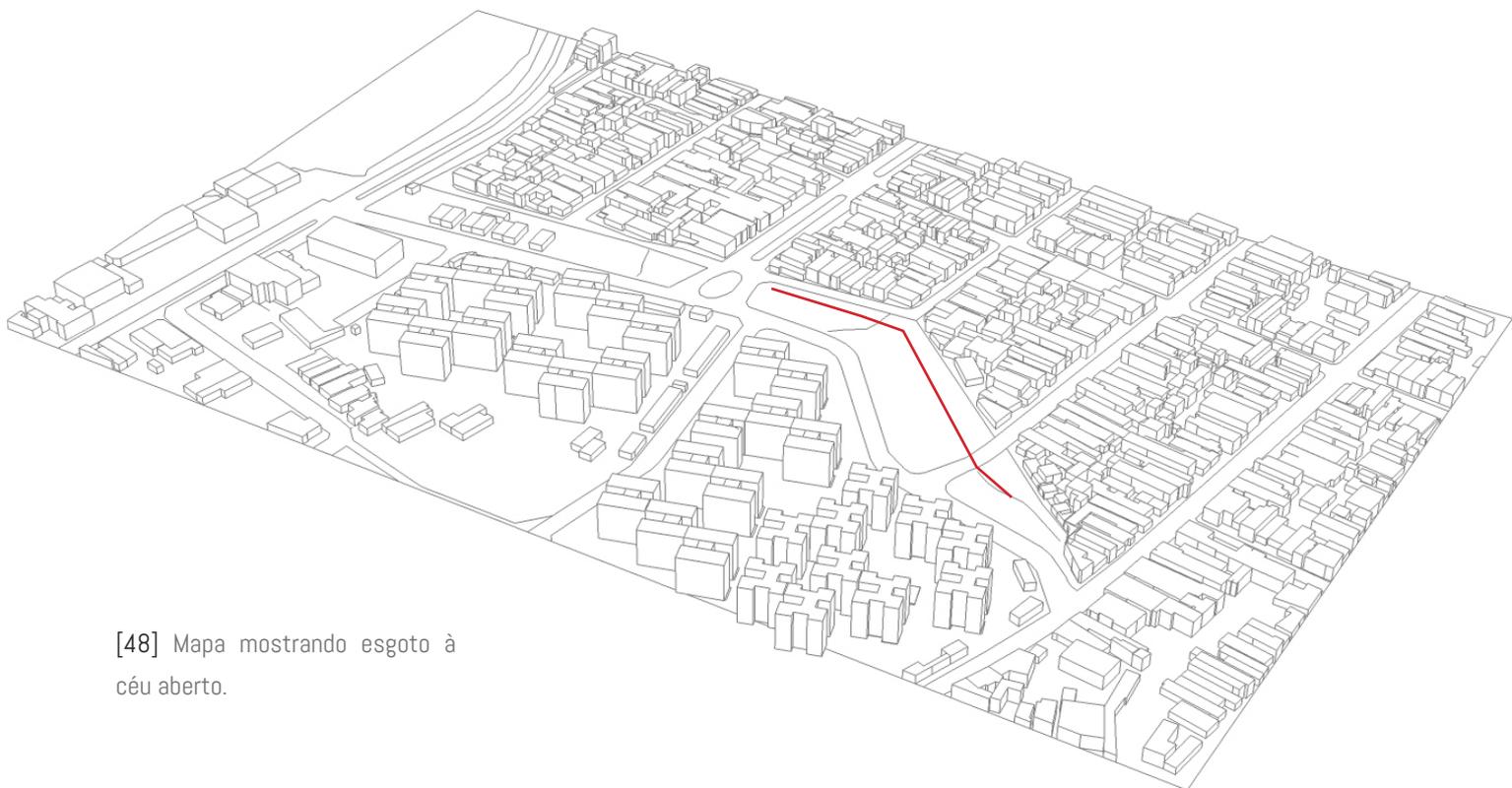
[47] Mapa mostrando topografia e drenagem.

## SISTEMA DE ESGOTO

O sistema de esgoto da região é realizado por três maneiras: Estação de Tratamento, como nos condomínios multifamiliar; fossa sumidouro presente na maioria das edificações do loteamento; e ligação clandestina para valas criadas.

As porcentagens do abastecimento de água e coleta de lixo, tanto na área analisada quanto na capital, foram bastante semelhantes destoando somente no quesito de saneamento básico.

Na área analisada quase que todos os domicílios possuem abastecimento de água ligado a rede geral é alta [96,6%], porém a quantidade de domicílios ligados à rede geral de esgoto é baixa [24,2%], mostrando a que a região não possui uma rede de saneamento básico adequada.



[48] Mapa mostrando esgoto à céu aberto.

## INFRAESTRUTURA URBANA

Conforme PDDU-FOR, na Seção VII, no Art. 103 do Messejana se caracteriza pela insuficiência ou ausência de infraestrutura, carência de equipamentos públicos [...] ocupação do solo condicionados à ampliação dos sistemas de mobilidade e de implantação do sistema de coleta e tratamento de esgotamento sanitário.

Um dos objetivos da ZOM 2 é promover a requalificação urbanística e ambiental, com investimentos para complementar a infraestrutura básica, principalmente de saneamento ambiental. Com base nessa problemática da poluição ambiental - ligação clandestina de esgoto e da sujidade da E.T.E - sugere-se que:

- A drenagem seja executada em toda a área verde visando um ambiente com qualidade ambiental, na tentativa de recuperar o estado natural do solo e da vegetação ciliar;

As ligações clandestinas de esgoto sejam desfeitas;

- Toda a região que compreende o loteamento Sítio São José passe por uma requalificação ambiental já prevista pela Plano Diretor de Fortaleza, através do projeto Sanear.

Quanto a poluição ambiental provocada pela Estação de Tratamento de Esgoto sugere-se a retirada deste equipamento da área verde, por ser um agente poluente para o lençol freático da Lagoa de Messejana, para o solo e o para ar das edificações próximas.

Justificativas para retirada da Estação de Tratamento de Esgoto da área verde:

- Originalmente não estava prevista na planta de loteamento, a localização de uma E.T.E dentro do terreno destinado a área verde;

- Equipamento antigo, com mais de trinta anos de existência, com mau funcionamento e pouca manutenção;

- É incoerente uma estação de tratamento, um equipamento altamente poluente está dentro de uma área verde e estar tão próximo a habitações e a recurso hídrico bastante importante, como a Lagoa de Messejana;

- Frequentemente esse equipamento polui o entorno imediato com constantes vazamentos de dejetos [água servida] para o lençol freático da lagoa e para vias mais próximas, exalando mau cheiro e assim contaminando o ar e o solo;

- O terreno onde se encontra a E.T.E possui um alto potencial paisagístico e de interação social e visual para ser obstruído por muros E.T.E.

Sugere-se a realocação da E.T.E de cada condomínio dentro do perímetro dos condomínios e realocar algumas áreas de estacionamento. Em contrapartida o terreno em que estava a E.T.E voltaria a ser área verde e seria incorporado ao projeto da praça.

Infelizmente não foi possível se ter acesso a Escritura de Convenção do Condomínio <sup>1</sup> para ter certeza de que parte da área verde foi cedido, em algum momento, pela prefeitura para a construtora implantar a estação de tratamento.

---

<sup>1</sup> **Escritura de Convenção do Condomínio:** É o principal documento de um condomínio pois regulamenta todas as normas de convivência entre os condôminos e a forma de administrar o patrimônio comum. Vale muito mais que um contrato, o qual só surge efeito entre os signatários. A Convenção de Condomínio poderá ser instituída por escritura pública ou instrumento particular, quando as unidades pertencerem a um só condômino ou, se pertencerem a mais de um condômino quando todos o assinarem, ou ainda, por deliberação, em assembléia, pelos condôminos que representarem pelo menos 2/3 (dois terços) das frações ideais.

## ARBORIZAÇÃO

A vegetação é um elemento relevante para a área, embora não possua um grande volume arbóreo ou uma diversidade de espécies arbóreas. Também é frequentemente procurado pela vizinhança para estar e conversação, por causa da ambiência e sombra gerada.

A área sombreada é formada por aglomerado de copas próximas, possui um caráter essencial para lugar em que está implanta, pois torna o local agradável e gera um microclima mais ameno, principalmente no período da tarde.

Os volumes arbóreos que existem estão dispostos de maneira agrupada, provavelmente intencional, e concentrados na porção norte e leste da área verde, próximos às calçadas e entorno construído. As áreas com maior ausência de árvores estão na porção sul da área analisada, próximas a Rua Bady Miguel.

Apesar de unidas a disposição das árvores não se dá de maneira organizada, mas aleatória, também não são delimitadas por canteiros e não possuem identidade formal ou qualquer tratamento paisagístico. As árvores presentes no local são, em sua maioria, de pequeno e médio porte e não possuem alinhamento planejado.

Sabe-se que as árvores existentes no perímetro analisado foram plantadas a partir da iniciativa dos moradores no entorno, que também são responsáveis pela manutenção [rega, poda, limpeza] e seu bom estado de conservação.

Na época anterior a reforma executada pela prefeitura, a área não existia nenhum tipo componente arbóreo. Em depoimento os moradores afirmam que anteriormente havia somente matagal no terreno.

Durante a análise não foi percebida a presença de nenhuma árvore nativa. Nota-se que todas as árvores presentes são exóticas, de origem asiática. As espécies constatadas são:

**Coqueiro [Cocos nucifera]**

**Mangueira [Mangifera indica]**

**Bananeira [Musa SP]**

**Castanholeira [Terminalia catappa]**

**Ficus [Ficus benjamina]**

**Nims indianos [Azadirachta indica]**

**Ipê [Tabebuia chrysothricaha]**

**Graviola [Annona muricata]**

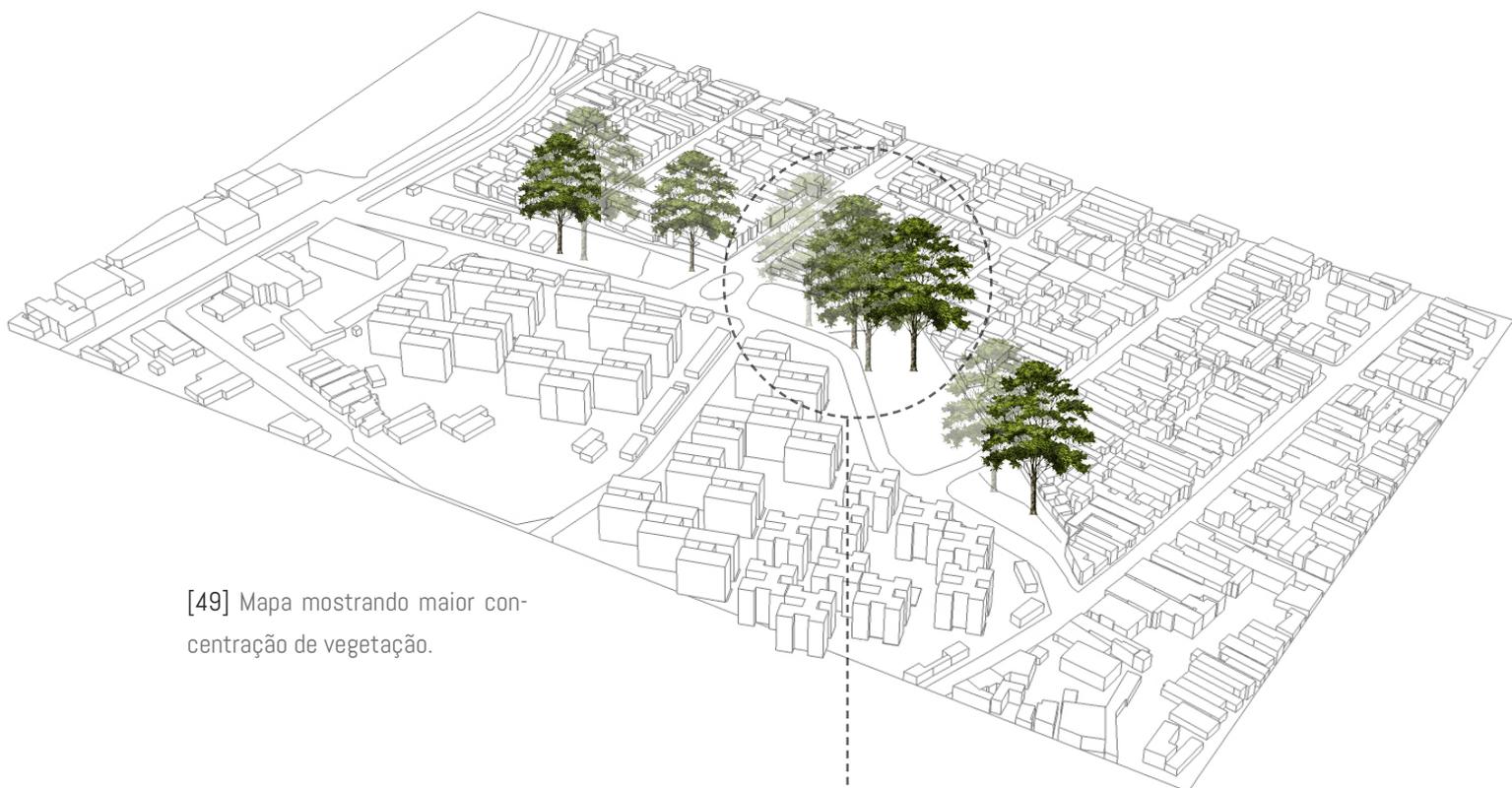
**Maracujá [Passiflora sp]**

**Pata de vaca [Bauhinia foticata]**

**Palmeira Imperial [Oreodoxa oleracea].**

Algumas dessas espécies possuem características invasoras, como os Nims indianos - uma espécie de crescimento rápido e bastante popular na capital – que apesar de não possuir muito valor ambiental, assim como outras espécies presentes na área, apresentam um forte valor afetivo e simbólico para a população local.

[49] Mapa mostrando maior concentração de vegetação.



ÁREA COM MAIOR CONCENTRAÇÃO DE  
ÁVORES

## USOS

Foi realizada a avaliação pós-ocupação [A.P.O.] para obter os dados necessários a respeito de como a área é utilizada atualmente. Essa avaliação consistiu na aplicação de alguns procedimentos de levantamento de dados: anotações assistemáticas do espaço, aplicação de questionário e entrevistas, ensaio fotográfico, observação mapeamento comportamental.

### OBSERVAÇÃO ASSISTEMÁTICA DO ESPAÇO

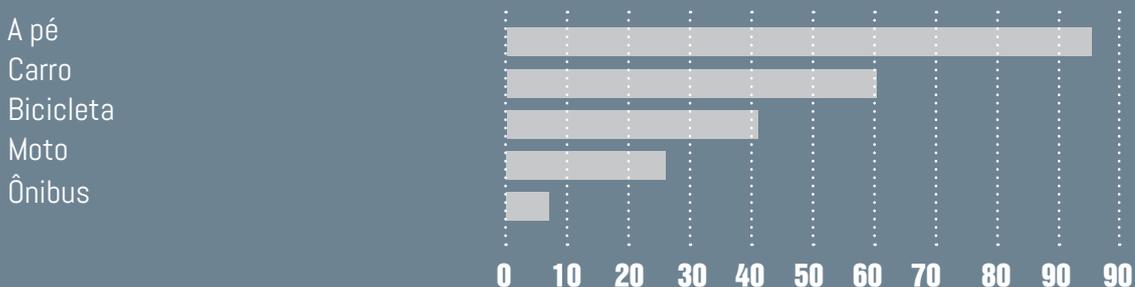
1. Rua estreita e desregular: movimentada, constante fluxo de pedestre;
2. Calçada: pouco uso;
3. Calçada estreita: passeio estreito, pouco usado e parcialmente ocupado por plantação de banana;
4. Calçada: colocação de sacos de lixo na rota de pedestres;
5. Passagem estreita: via de pedestre movimentada;
6. Calçada: relativamente movimentada e de uso esporádico de ambulantes [Totolec]
7. Estacionamento junto ao meio-fio;
8. Estacionamento em cima da área verde;
9. Ponto de encontro e permanência: extensão da área de bares e lanchonetes;
10. Playground deteriorado;
11. Canteiro central: usado somente para travessia de pedestre e rotatória de veículos;
12. Travessias mais comuns de pedestres;
13. Passagem estreita: via de pedestre;
14. Rego aberto: receptor das bocas de lobo, forte odor de esgoto;
15. Calçada: local de espera dos clientes do serviço de som de carro, ponto de convivência e varal de roupa dos moradores do entorno imediato;
16. "Rampado": circulação larga de pedestres e veículos;
17. Espaço aberto central: uso diversificado, pessoas conversando, estacionamento de carros, evento anual como a festa dos dias das crianças;
18. Rego: canalizado e submerso para evitar mau cheiro;
19. Campo de futebol;
20. Jardim comunitário: local usado como estar pelos do entorno imediato;
21. Calçada estreita: pouco fluxo de pedestre;
22. Circuito de Calçada: usada para caminhadas;
23. Calçada: presença de ambulantes [baraca de coco];
24. Calçada larga: bem movimentada por transeuntes, em horários variáveis;
25. Calçada larga: presença de carros estacionados e banca do Totolec;
26. Vestígios de colisão: colunas de concreto usadas como balizador;
27. Bancos e sombra de árvores: usados por motoristas de caminhão ou prestação de serviços terceirizados [telefonía, internet, canal fechado] para descanso na sesta;



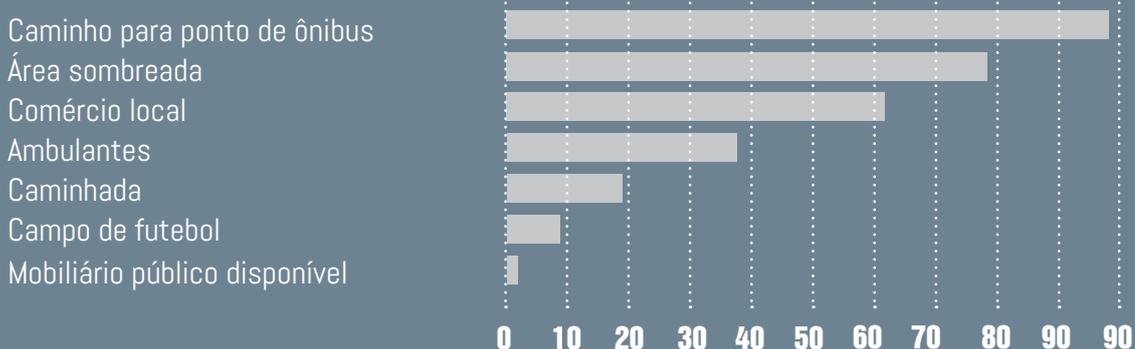
## APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIO E ENTREVISTAS

A entrevista é um retrato da realidade do local. Ela representa o perfil dos usuários, a maneira como eles utilizam a área, o que os atraiem para o uso do espaço e quais são seus anseios e intenções em relação a área.

### 1.MEIO DE LOCOMOÇÃO DAS PESSOAS ATÉ A ÁREA



### 1.MEIO DE LOCOMOÇÃO DAS PESSOAS ATÉ A ÁREA



### 1.MEIO DE LOCOMOÇÃO DAS PESSOAS ATÉ A ÁREA



Os presentes gráficos são resultados dos questionários aplicados aos usuários da área entre os dias 18 de setembro e 01 de março de 2016, recolhendo ao final uma amostra de 85 pessoas.

Um pouco mais da metade os entrevistados eram do sexo feminino [58,3%], as faixas etárias dos entrevistados era 16,6% para os abaixo de 18 anos, 41,6% entre 18 e 40 anos, 25% entre 40 e 60 anos e 16,6% acima de 60 anos, retratando que o atual público da área é particularmente jovens e adultos. Confirmando os dados demográficos pesquisados no IPECE.

As atividades profissionais mais apontadas na pesquisa foram à prestação de serviço e o autônomo, o menos apontado foi o profissional liberal. A maioria dos entrevistados [73%] mora a mais de 10 anos na área.

O meio de locomoção mais utilizado para chegar até a área foi a pé, seguido por bicicleta, carros, motos e por último ônibus. Praticamente todos os entrevistados [98%] visita a área pelo menos uma vez por dia, o restante consiste em visitantes esporádicos.

O motivo mais apontado pelos entrevistados para uso da área é pelo fato dela se localizar no percurso para o ponto de ônibus ou para centro da Messejana [85%], e a menos assinalado foi o uso do mobiliário público [1,6%], o que mostra que o atual uso da área se deve mais a sua localização estratégica do que o uso do equipamento disponível.

Praticamente todos os elementos que se encontram na área verde foram avaliados com como péssimos ou ruins, exceto por algumas atividades que recebem desempenho regular, sendo a vegetação, quantidade de usuários e a presença de comércio local os quesitos mais bem avaliados.

Em visita ao local analisado, nota-se que há 'um certo' conforto social e uma sensação de segurança, que é percebida pela presença de crianças e adolescentes desacompanhados, mulheres sozinhas e de idosos que transitam tranquilamente durante o dia.

## MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL

Os presentes mapas comportamentais são resultados da observação da área entre os dias 18 de setembro e 01 de novembro de 2015, durante dias e horários alternados na semana.

A área de estudo apresenta um moderado e esporádico uso social e um intenso fluxo de pedestres e veículos no período do início da manhã e no final da tarde. Foi observada uma quantidade e uma diversidade de usuários: mulheres, homens, casais, grupos misto de pessoa, crianças, idosos.

Percebe-se uma articulação entre comércios próximos e os espaços da área, a deficiência de mobiliário e a ausência de percursos internos desencoraja o uso dessa área.





- 15:28h  
**QUARTA FEIRA 16 DE SETEMBRO**
- 01** AS PESSOAS PASSAM PELA ÁREA MAS NÃO FICAM.
  - 02** MUITO FLUXO DE CARROS E MOTOS.
  - 03** POUCO PEDESTRE.
  - 04** MULHERES CONVERSAM NA ESQUINA.
  - 05** GRANDE FLUXO DE CARROS
  - 06** CONDOMÍNIO GERA SOMBRA E A CALÇADA ENCONTRA-SE EM ESTADO REGULAR O QUE ATRAI PEDESTRES



- 16:20h  
**QUARTA FEIRA 16 DE SETEMBRO**
- 01** HÁ UM GRUPO DE PESSOAS CONVERSANDO NA SOMBRA DAS ÁRVORES.
  - 02** HOMEM CONCERTANDO O CARRO.
  - 03** PESSOAS PASSAM PELA ÁREA.
  - 04** ÁREA COM MAU CHEIRO



17:20h

QUARTA FEIRA 16 DE SETEMBRO

- 01 CRIANÇAS SOLTAM PIPA NA RUA.
- 02 CRIANÇAS VOLTAM DA ESCOLA.
- 03 MUITO TRÁFEGO DE CARRO E MOTO NA RUA.
- 04 GRANDE RISCO DE ATROPELAMENTO.
- 05 FUXO DE PESSOAS NA CALÇADA.
- 06 PESSOAS PASSEIAM COM CACHORRO.
- 07 AS PESSOAS CONVERSAM E SE ENCONTRAM.
- 08 MORADORA TRABALHA NA LIMPEZA DA ÁREA.



15:00h

SEXTA FEIRA 18 DE SETEMBRO

- 01 AS PESSOAS TRANSITAM RAPIDAMENTE FUGINDO DO SOL.
- 02 FLUXO MODERADO DE PEDESTRES.
- 03 FLUXO MODERADO DE CARROS E BICICLETAS.
- 04 RISCO DE ATROPELAMENTO DE PEDESTRES.
- 05 AS PESSOAS SÓ PASSAM PELO LUGAR, ELAS NÃO FICAM.
- 06 A DECLIVIDADE DA RUA TORNA COMPLICADO O CAMINHAR.
- 07 AUSÊNCIA DE ARBORIZAÇÃO .



18:00h

SABADO 19 DE SETEMBRO

- 01 AS PESSOAS CONVERSAM NA CALÇADA E CRIANÇAS BRINCAM NA VIA.
- 02 FLUXO INTENSO DE PEDESTRES.
- 03 POUCO FLUXO DE CARROS E BICICLETAS.
- 04 TRAFEGO DE VEÍCULOS LENTO.
- 05 DECLIVIDADE DA RUA TORNA COMPLICADO O CAMINHAR.
- 06 AUSÊNCIA DE ARBORIZAÇÃO

**1.** Após a realização dessas entrevistas e dos mapas comportamentais, conclui-se que o espaço:

**2.** Apesar de ser bastante frequentada e do fácil acesso, possui uso social deficitário e desempenho insatisfatório;

**3.** A ausência de uma identidade forte torna o espaço usado predominante para circulação;

**4.** O pouco uso que existe restringe-se a alguns núcleos de convivência formados pelos próprios moradores e comerciantes do entorno;



15:30h  
**SEXTA FEIRA 18 DE SETEMBRO**  
**01** AS PESSOAS COMPRAR PICOLÉ.  
**02** OS PEDESTRES ANDAM PRÓXIMO AO MURO EM BUSCA DE SOMBRA.  
**03** MUITO FLUXO DE CARROS.  
**04** PEDESTRES CAMINHAM PARA PADARIA.  
**05** GRANDE FLUXO DE CARROS.  
**06** HÁ PESSOAS CONVERSANDO. UM CASAL TROCA AFETO.



15:30h  
**DOMINGO 20 DE SETEMBRO**  
**01** PESSOAS TRANSITAM.  
**02** MUITO CARRO ESTACIONADO.  
**03** GRANDE FLUXO DE PESSOAS E CARROS.  
**04** PESSOAS CARREGAM COISAS DA FEIRA.  
**05** FLUXO DE PESSOAS EM DIREÇÃO À FEIRA.

- 5.** São insuficiência de mobiliários, equipamentos; Na maioria das vezes o espaço encontra-se desocupado;
- 6.** As atividades da área são bem restritas: descanso, caminhada, andar, bate-papo, empinar pipa, jogar bola e andar de bicicleta;
- 7.** O espaço não é utilizado à altura do potencial que possui.

## NÃO CONFORMIDADES

Os presentes mapas comportamentais são resultados da observação da área entre os dias 18 de setembro e 01 de novembro de 2015, durante dias e horários alternados na semana.

A área de estudo apresenta um moderado e esporádico uso social e um intenso fluxo de pedestres e veículos no período do início da manhã e no final da tarde. Foi observada uma quantidade e uma diversidade de usuários: mulheres, homens, casais, grupos misto de pessoa, crianças, idosos.

Percebe-se uma articulação entre comércios próximos e os espaços da área, a deficiência de mobiliário e a ausência de percursos internos desencoraja o uso dessa área.

### POR USO ▲

1. Acúmulo de sujeira e mato alto;
2. Calçada usada como plantação;
3. Sujeira na calçada: ponto de acúmulo de lixo para coleta [sofá, comida, roupas];
4. Vandalismo: bancos quebrados ou pichados;
5. Presença de ambulantes;
6. Estacionamento irregular de veículos na parte interna da área verde;
7. Rego a céu aberto: sujeira, lixo, dejetos, mau cheiro, presença de muriçoca e ratos;
8. Varal;
9. Vandalismo: pichações nos muros;
10. Estacionamento irregular de veículos nas calçadas;
11. Vazamento: água suja que breja da E.T.E constantemente;
12. Ponto de ocorrência de assalto após às 21:00h;
13. Curva sinuosa: é comum a ocorrência de acidentes;
14. Ausência de acessibilidade, o que inclui pavimentação e elemento de ligação vertical, meios adequados para fazer o percurso de uma rua a outra.

### POR PROJETO ●

1. Ausência de pavimentação na caixa viária e de elemento de circulação vertical, como escadaria

ou rampa acessível;

2. Implantação da E.T.E: barreira física e visual;
3. Pisoteio: caminhos adotados por pedestres na parte interna da área verde;
4. Playground sucateado, praticamente inexistente por falta de manutenção;
5. Vazamento de dejetos de esgoto: condições sanitária irregular;
6. Calçada estreita e mal iluminada.

### POR INTERVENÇÕES OFICIAIS ■

1. Calçada estreita por trás da E.T.E, na rua Sargento Expedito: redução do espaço de circulação;
2. Adaptação positiva: plantio aleatório de árvores na área;
3. Adaptação positiva: expansão da área de bar e lanchonetes, integração com calçadas;
4. Ausência de sinalização na interseção das ruas Bady Miguel e Avenida Tenente José Newton;
5. Adaptação positiva: grupo de conversação;
6. Adaptação positiva: jardim comunitário;
7. Adaptação positiva: campo de futebol;
8. Concentração de entulhos;
9. Ausência de drenagem adequada na área;
10. Ausência de lixeiras e container de lixo ou posto de seleta coletiva;
11. Equipamento público danificado por falta de manutenção;
12. Manutenção "seletiva" limitando a limpeza da área a calçadas;
13. Obstáculo e proteção: balizadores de tráfego na calçada;
14. Faixa de pedestre inexistente.



12 14

01

01

02

01

02

11

05

09

14

03

03

11

12

04

10

02

06

03

05

04

04

11

04

01

04

05

02

12

03

01

10

07

04

11

03

08

13

03

05

01

09

04

06

02

07

11

05

04

12

03

07

08

01

11

01

09

06

05

07

02

06

09

10

07

12

04

03

11

05

02

10

06

11

10

06

05

13



[50] Um dos principais percursos dentro da área.



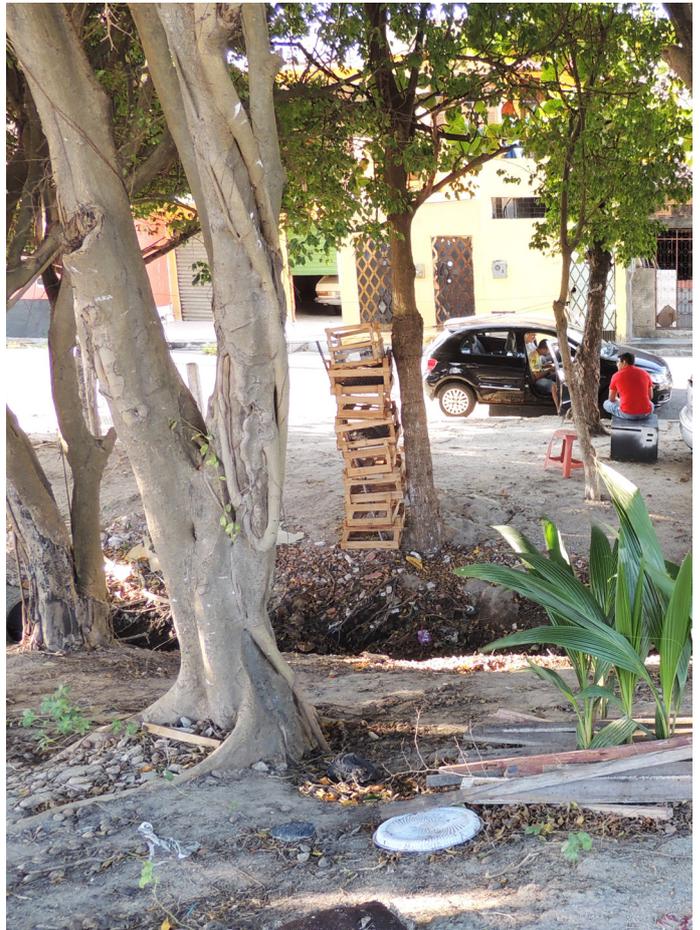
[51] Uso da área como espaço para colocar entulhos.



[52] Esgoto a céu aberto proporcionando mau cheiro.



[53] Menino morador do bairro exibindo pipa.



[54] Morador improvisando lugar para sentar.



[55] Árvores existem.



[56] Árvores existem.

# INVENTÁRIO FÍSICO-AMBIENTAL

## ASPECTOS FÍSICO-AMBIENTAL

### CARACTERÍSTICAS

### DESCRIÇÃO

#### RELEVO

- Não muito acentuado;
- Inclinação média de 10%;
- Curvas de nível: 19m-15m;
- Permeável;
- Desnível topográfico e escoamento de água pluvial se dá no sentido sul-norte.

- Em geral possui uma declividade suave, exceto por alguns trechos do terreno onde as curvas de nível ficam mais próximas;
- Terreno quase não elementos construídos, então é bastante permeável.

#### HIDROGRAFIA

- Lagoa de Messejana;
- Riacho da Levada.

- Os recursos hídricos mais próximos a área analisada são a lagoa e o riacho;
- O sangradouro da lagoa, atualmente, é tubulado e ligado ao Riacho da Levada;

#### VEGETAÇÃO

- Perene;
- Exótica;
- Preservada;
- Manutenção esporádica;
- Pequeno e médio porte.

- A arborização foi plantada pelos moradores do entorno [vínculo afetivo];
- Refrescam o ambiente;
- As áreas de convivência espontâneas, que surgem na área, acontecem debaixo das sombras das árvores.

#### CLIMA

- Ventilado;
- Temperatura amena;

- A área é bastante ventilada em diferentes horários do dia;
- Temperatura é agradável e aprazível, principalmente debaixo das árvores;
- É comum a presença de crianças e jovens empinando pipas.

ASPECTOS FÍSICO-AMBIENTAL	CARACTERÍSTICAS	DESCRIÇÃO
<p><b>SOLO</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Lamacento;</li> <li>- Aguaceiro.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Em alguns trechos por ser lamacento o terreno passou por algumas modelações topográficas, como aterros de entulhos de construção;</li> <li>- Não foi percebida áreas de erosão ou de deslizamento;</li> <li>- É comum alagamento em trechos, mas percebe-se que é ela ausência de drenagem adequada.</li> </ul>
<p><b>POLUIÇÃO</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Solo</li> <li>- Água</li> <li>- Ar</li> <li>- Visual</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sozinha a E.T.E. consegue exercer os quatro tipos de poluição;</li> <li>- As ligações clandestinas para os recursos hídricos mais próximos ou para algum o sistema de drenagem mau executado conseguem poluir bastante o solo da área;</li> <li>- Acúmulo de impurezas, lixos, e outros resíduos poluentes causam mau cheiro e atraem ratos, baratas e mosquito.</li> </ul>
<p><b>INFRAESTRUTURA</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Bancos</li> <li>- Postes</li> <li>- Playground</li> <li>- Calçadas</li> </ul>	<p>Por falta de manutenção, o mobiliário encontra-se bastante deteriorados, em péssimos estado físico e quase não é utilizado;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Nota-se a ausência de equipamentos e que o mobiliário urbano é bastante escasso;</li> <li>- O campo de futebol surge de maneira espontânea e é praticamente o único “equipamento” de lazer que existe na área.</li> </ul>



**[...] cidades abundantes de pequenos espaços tem um grande impacto sobre a qualidade de vida. Se esses espaços são pouco atraentes, as pessoas provavelmente vão retirar-se da rua da cidade [...]. Mas se aprendemos a tirar proveito de nossos pequenos espaços urbanos, se nós projetamos bem os novos, e arrumar os antigos, vamos manter a rua vivo. Podemos até encorajar mais pessoas a usá-los.**

**[REILLY, 1980, p.7, tradução da autora]**

# PROPOSTA PROJETUAL

## ALTERNATIVAS PARA VIABILIZAR A PROPOSTA PROJETUAL

Uma das possibilidades para viabilizar a execução do projeto da praça seria a Parceria Público-Privada, através do Programa Adoção de Praças e Áreas Verdes ou da Operação Urbana Consorciada<sup>1</sup>.

Em termos de Parceria Público-Privada observa-se que é mais provável o projeto se executado através do Programa Adoção de Praças e Áreas Verdes do que pela Operação Urbana Consorciada<sup>1</sup>, pois nesta última a iniciativa privada tende a se interessar por operação urbana em áreas bem mais centrais e já atrativas do ponto de vista do capital imobiliário.

### Programa Adoção de Praças e Áreas Verdes

Programa Adoção de Praças e Áreas Verdes é uma parceria entre a SEUMA e as Secretarias Regionais, que permite pessoas físicas,

empresas privadas e associações de moradores possam cuidar de espaços públicos da cidade, contribuindo com exemplos de cidadania e responsabilidade social.

O programa foi lançado em 2013 e atualmente já conta com 149 praças e áreas verdes, destas, 29 estão oficialmente adotadas e 120 em processo de adoção. O objetivo da iniciativa é, sobretudo, promover melhorias urbanas, ambientais e paisagísticas a partir da formação de parcerias entre Prefeitura e demais segmentos da sociedade civil.

Quem deseja adotar um espaço, deve levar uma carta com essa intenção à SEUMA ou à Secretaria Regional responsável pelo logradouro. Caso o plano de trabalho, em que serão descritas as ações no espaço, seja aprovado, o adotante assina um termo se comprometendo a cumprir o planejado.

<sup>1</sup> **Operação Urbana Consorciada:** São intervenções pontuais realizadas sob a coordenação do Poder Público e envolvendo a iniciativa privada, os moradores e os usuários do local. Possuem grande potencial de qualificação espacial para as cidades, na medida em que permitem tratamento quase arquitetônico dos espaços urbanos.

## PARÂMETROS DA PROPOSTA PROJETUAL

Os parâmetros e as diretrizes estabelecidos para a proposta projetual foram resultados da combinação da análise do espaço - embasado nos métodos da Avaliação Pós-ocupação do Alex Sun e nas pesquisas de William Whyte - e dos preceitos do Project for Public Spaces.

Para auxiliar na projeção da praça sugere-se usar o conceito do Power of 10, apresentado pelo PPS. A intenção é proporcionar, no mínimo, dez atividades que incentivem as pessoas a pararem e permanecerem no espaço.

### *Power of 10 +*

- 1.0 presença de acessibilidade;
- 2.0 priorização do pedestre;
- 3.0 áreas para encontros, reuniões e convivência;
- 4.0 calçadas largas e arborizadas;
- 5.0 espaço agradável ao ar livre;
- 6.0 áreas de playground e recreação;
- 7.0 áreas para ginástica;
- 8.0 áreas para atividades esportivas;
- 9.0 conexão e extensão de uso comercial do entorno com a praça.  
presença de um Ecoponto;

A fim de solucionar as carências do espaço e realçar suas potencialidades propõe um plano de ação com as seguintes diretrizes gerais e específicas.

## Diretrizes gerais

**1.0** Revitalizar o espaço livre de uso público através de uma intervenção a nível urbano e paisagístico;

**2.0** Garantir a preservação dos valores e dos significados dos espaços, promovendo a conexão de usos existente com uso proposto no projeto;

**3.0** Criar elementos que estimulem vínculos afetivos da população com o espaço e a integração social entre os usuários;

**4.0** Integrar visualmente a praça com o entorno e contexto urbano;

**5.0** Compatibilizar sempre que possível os interesses da população com o planejamento da praça;

**6.0** Promover espaços de convivência harmônica para diversidade de usuários;

**7.0** Promover acessibilidade universal;

**8.0** Preservar a vegetação preexistente;

**9.0** Realçar os valores - paisagístico, sociais - atrelados à área;

**10.** Melhorar a qualidade do design dos mobiliários;

**11.** Design com referência de regionais e ambientalmente sensíveis;

## Diretrizes específicos

**1.0** Tornar a área verde um relevante espaço público para usufruto das comunidades do entorno;

**2.0** Remodelar o desenho das vias para torná-las mais agradáveis e seguras para o pedestre, como presença de arborização e traffic calm.

**3.0** Elaborar projeto que permita uma boa mobilidade e acessibilidade, em todos os setores, sobretudo nos passeios no perímetro da praça;

**4.0** Projetar espaços que promovam a inclusão de qualquer tipo de pessoa, independente de sua idade, sexo ou condição física;

**5.0** Promover espaços de lazer, convivência, práticas de esportes e exercícios;

**6.0** Estimular eventos e festividades já existentes e promover novos;

**7.0** Manter sempre que possível a organização social e natural da comunidade, espaços já estabelecidos, como áreas de convivência, percursos internos, entrada de garagens, jardim colaborativo;

**8.0** Projetar espaços e equipamentos que gerem e estimulem sentimento de pertencimento e zelo da comunidade com o espaço;

**9.0** Preservar dentro da medida do possível a maior parte da vegetação existente, retirar somente as que estejam prejudicando a infraestrutura urbana;

**10.** Respeitar sempre que possível as características naturais do relevo, tirar partido da topografia somente quando necessário para elaboração do projeto paisagístico;

**11.** Retirar a Estação de Tratamento de Esgoto da área verde e relocar para dentro do perímetro dos condomínios;

**12.** Projetar mobiliário que seja funcionais, nobres, durável, exequível e sustentáveis;

**13.** Uso de materiais da região, que possuam alguma raiz cultural, ou que sejam ambientalmente sensíveis ou sustentáveis.

O objetivo dessas ações é fortalecer os laços afetivos da comunidade com a praça.

An aerial architectural rendering of a public square. The square is surrounded by a grid of white buildings. In the center, there is a basketball court with a red court, a soccer field with a green field, and a large area with palm trees. A road with a red car and a white car is visible on the right side. The overall scene is a detailed urban plan with various recreational and public spaces.

## PROPOSTA PROJETOAL

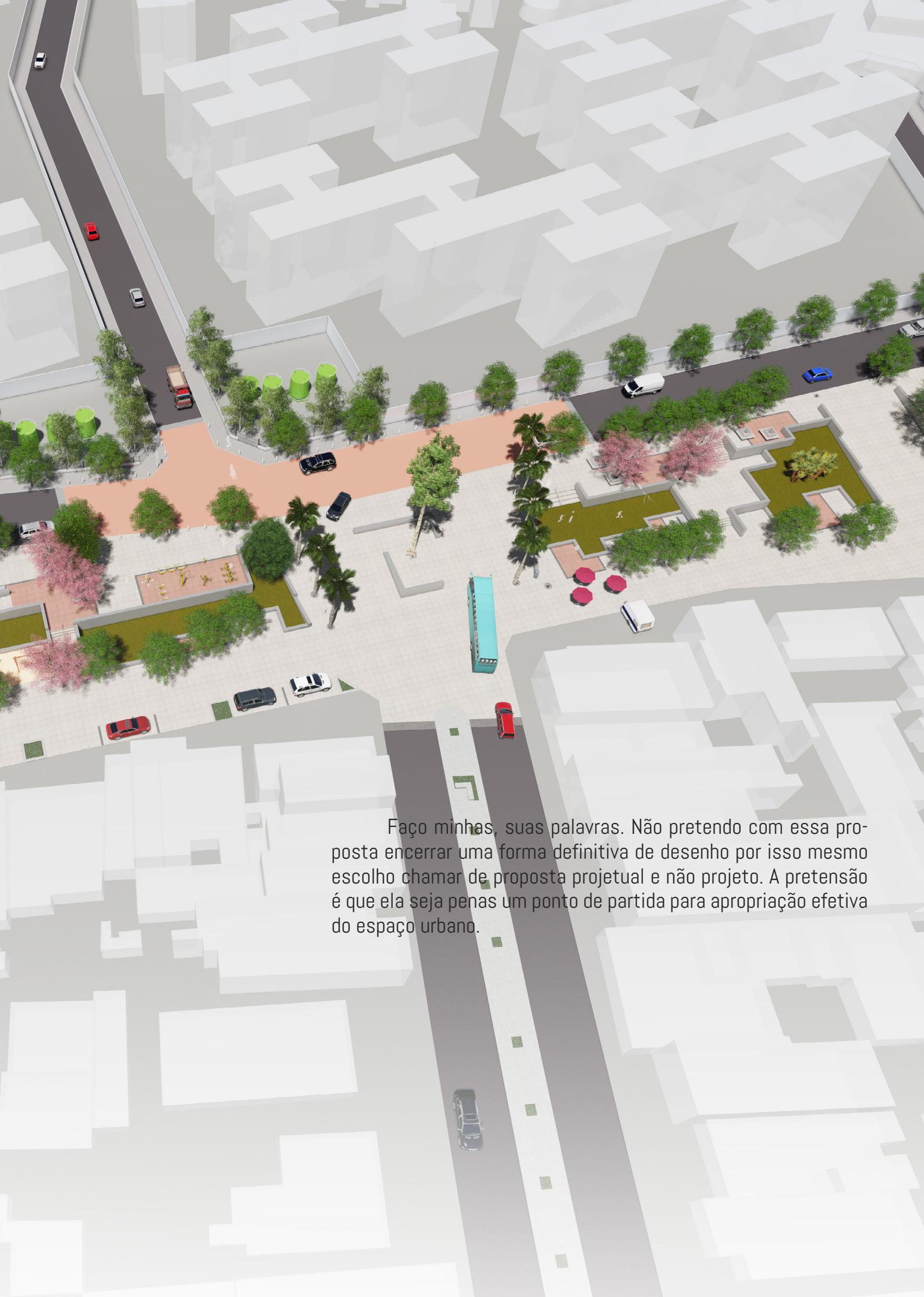
A finalidade a ser almejada nessa proposta de projeto é efetivar, por meio de um desenho urbano de praça, a identificação já existente entre os moradores e o espaço público.

A proposta tenciona ser uma releitura na maneira de projetar espaços público, em especial praças, e pretende assumir um papel social em prol dos protagonistas da paisagem, os usuários e os recursos naturais.

O objetivo da proposta projetual não finalizar o desenho do espaço, mas fazer com que o usuário também modifique, participe e transforme o espaço conforme suas necessidades, condizendo com que Lynch fala:

*O observador tem um papel ativo na percepção do mundo e uma participação criativa no desenvolvimento de sua imagem. Deve ser capaz de ajustá-la as necessidades variáveis [...] O que procuramos não é uma forma definitiva, mas uma ordem aberta, passível de continuidade em seu desenvolvimento.*

[LYNCH, 1997, p.7]

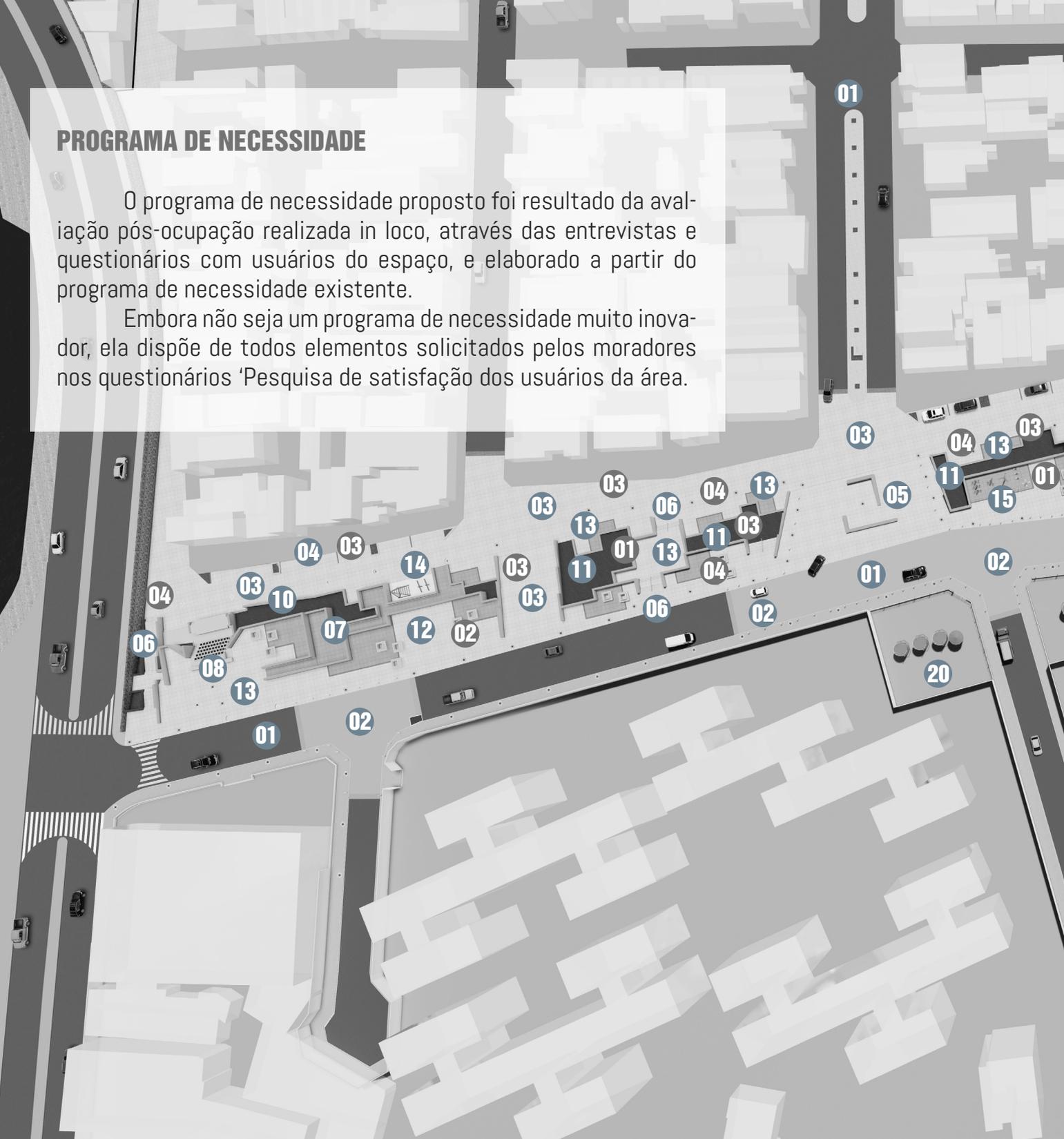


Faço minhas, suas palavras. Não pretendo com essa proposta encerrar uma forma definitiva de desenho por isso mesmo escolho chamar de proposta projetual e não projeto. A pretensão é que ela seja apenas um ponto de partida para apropriação efetiva do espaço urbano.

## PROGRAMA DE NECESSIDADE

O programa de necessidade proposto foi resultado da avaliação pós-ocupação realizada in loco, através das entrevistas e questionários com usuários do espaço, e elaborado a partir do programa de necessidade existente.

Embora não seja um programa de necessidade muito inovador, ela dispõe de todos elementos solicitados pelos moradores nos questionários 'Pesquisa de satisfação dos usuários da área.



### USOS EXISTENTES

- 1.0 Percursos internos;
- 2.0 Estação de Tratamento de Esgoto;
- 3.0 Estacionamento;
- 4.0 Áreas de convivências;
- 5.0 Acesso a Garagem de veículos;
- 6.0 Campo de Futebol;
- 7.0 Jardim comunitário;

### PROGRAMA DE NECESSIDADES PROPOSTO

- 1.0 Via paisagística;
- 2.0 Interseção elevada;
- 3.0 Via compartilhada;
- 4.0 Estacionamento de veículos motorizados;
- 5.0 Rotatória;
- 6.0 Escadaria;



CORTE MOSTRANDO ANFITEATRO

18,5 m

17,5 m

- 7.0 Rampa;
- 8.0 Anfiteatro ao ar livre;
- 9.0 Arquibancadas;
- 10. Plantação;
- 11. Gramados para piquenique;
- 12. Espaços de reunião, eventos e festividades locais;
- 13. Áreas de convivência e estares;
- 14. Playgrounds;
- 15. Academia ao ar livre;
- 16. Street park;
- 17. Quadras esportivas;
- 18. Espaço zen;
- 19. Eco ponto;
- 20. Estação de Tratamento de Esgoto.



## PLANTA DE PAGINAÇÃO DO PISO:

**1.0** Piso Drenante no formato retangular na cor Vermelha Terracota [40 x 40 x 6cm]- aplicar em formato ortogonal



**2.0** Piso Drenante no formato retangular na cor Cinza Narutal [40 x 40 x 6cm] - aplicar em formato ortogonal



**6.0** Grama Esmeralda



**5.0** Areia.



**3.0** Piso Drenante no formato retangular na cor Grafite [20 x 10 x 6cm] - aplicar em formato ortogonal



**4.0** Bloco Intertravado permeável com juntas alargadas na cor grafite e vermelha [22 x 11 x 6cm] - aplicar no formato espinha de peixe





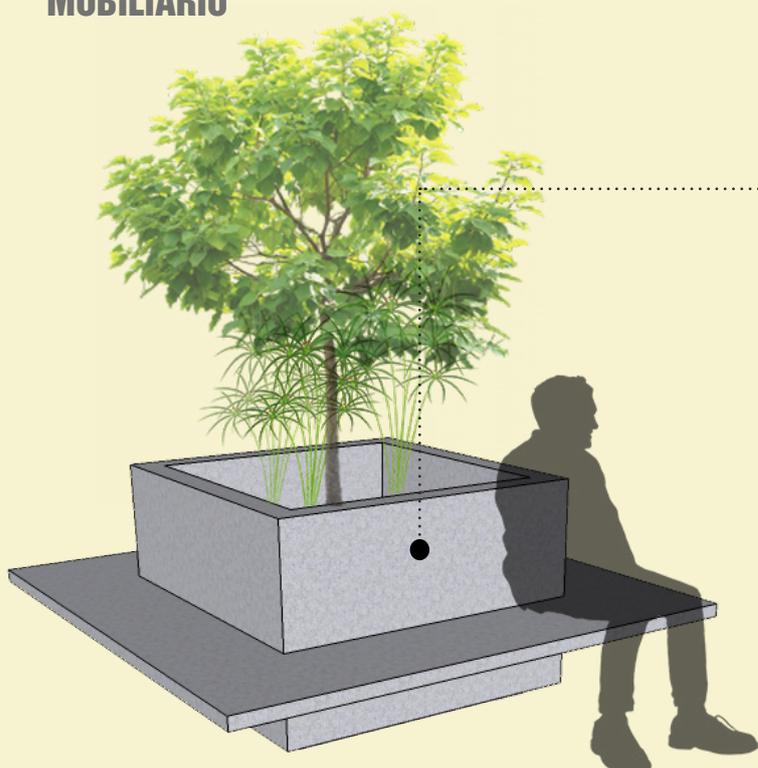
● ÁRVORES EXISTENTES ● ÁRVORES PROPOSTAS ○ ÁRVORES RETIRADAS

## ARBORIZAÇÃO:

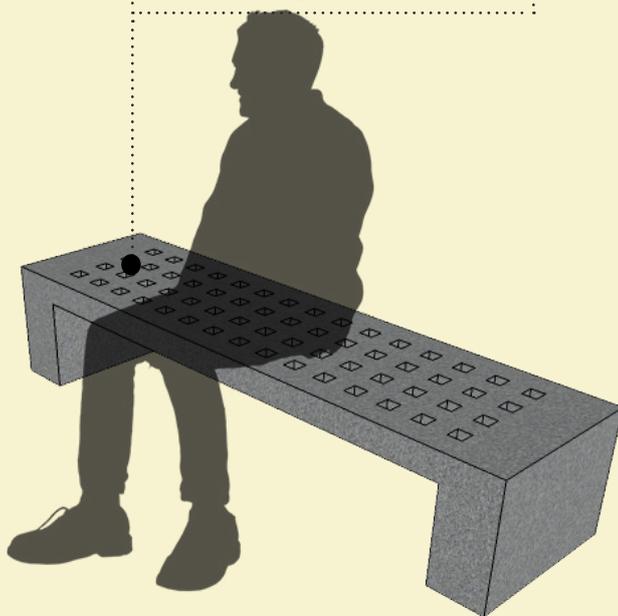
- 1.0 Palmeira Imperial [*Oreodoxa oleracea*]
- 2.0 Castanholeira [*Terminalia catappa*]
- 3.0 Eucalipto [*Eucalyptus*]
- 4.0 Oiti [*Licania tomentosa*]
- 5.0 Ipê roxo [*Jacaranda acutifolia*]
- 6.0 Acácia [*Cassia siamea*]
- 7.0 Cajueiro [*Anacardium occidentale*]
- 8.0 Ipê [*Tabebuia aurea*]



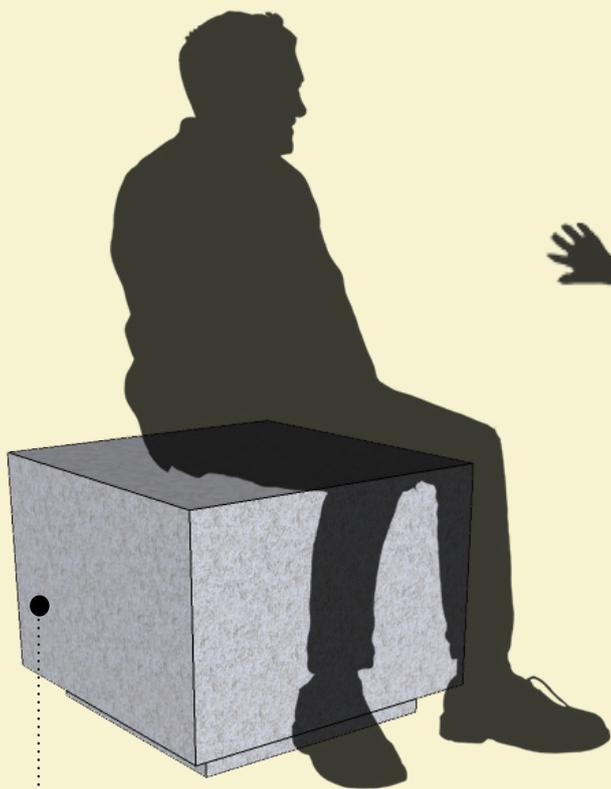
## MOBILIÁRIO



Banco canteiro em concreto pré-moldado com encosto, formato retangular [200 x 200 x 100cm].



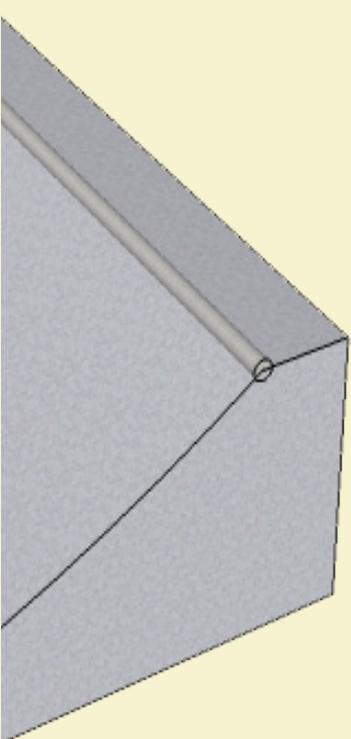
Banco em concreto pré-moldado sem encosto, formato retangular [200 x 50 x 6 cm] - inspirado no banco Mayo do designer Antonio Cruz.



Banco de concreto pré-moldado, formato de cubo sem encosto [50 x 50 x 45 cm] - inspirado no banco Sócrates do designer Jordi Garcés.



Skate park em concretomoldado in loco.



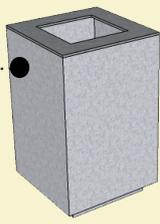
Postes em aço galvanizado por imersão a quente.



Balizador em pré-moldado de concreto com faixa em tinta refletiva na cor amarela.



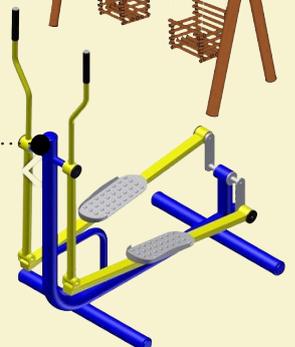
Lixeira em manilha porosa em formato quadrado [50 x 50 x 75cm] com tampa em aço inoxidável com pintura eletrostático.



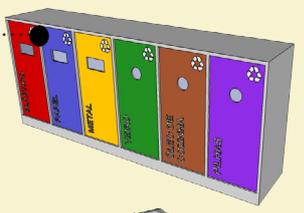
Playground em madeira roliça de eucalipto Auto clavado.



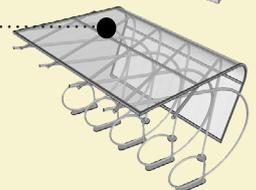
Bicicletário em aço inoxidável com pintura eletrostático alta resistência, com parafusos e porcas antioxidantes.



Ecoponto modelo de fábrica.



Bicicletário em aço inoxidável com pintura eletrostático alta resistência, com parafusos e porcas antioxidantes.



Grelha de escoamento em ferro fundido [diâmetro de 150cm].





[57] Imagem da atual situação da escadaria. Fonte: Úrsula Nóbrega.



[58] Imagem depois da intervenção como ficará a área. Úrsula Nóbrega.



[59] Imagem depois da intervenção como ficará a escadaria.



[60] Imagem depois da intervenção como ficará a área.



[59] Imagem depois da intervenção como ficará a área.



[60] Imagem depois da intervenção como ficará a área.



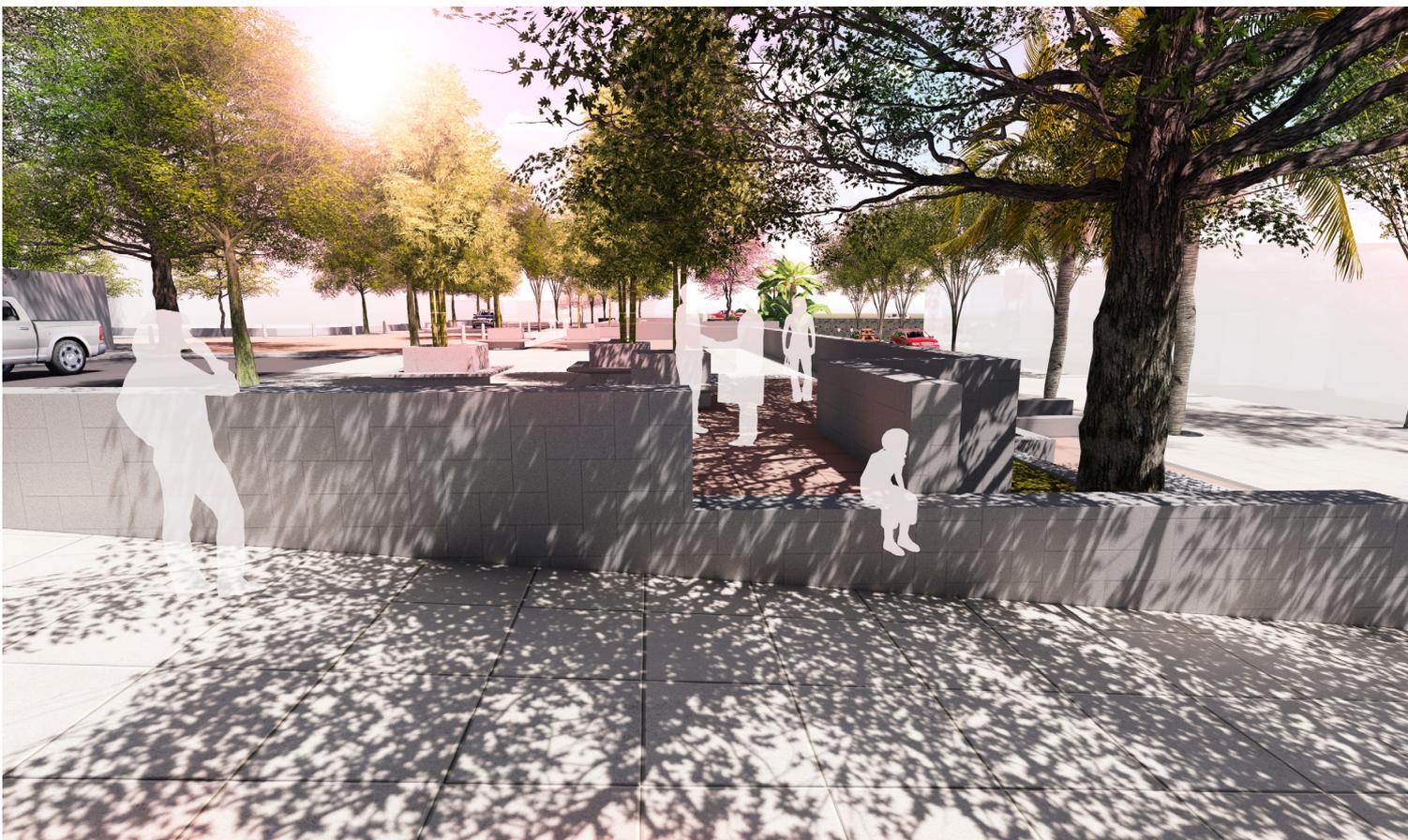
[61] Imagem depois da intervenção como ficará a área.



[62] Imagem depois da intervenção como ficará a área.



[63]



[64]



[65]



[66]











# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Criar espaços públicos sem incentivo da gestão pública embora seja possível, é bastante difícil de acontecer. Projetos deficientes ou manutenção precárias evidencia a negligência da administração pública com esses espaços, tal postura acarreta desuso dos espaços, desigualdades sociais, destruição do patrimônio público, também contribui para perda da socialização e da legibilidade da paisagem urbana e aumento da dependência de espaços privados para a prática da vida pública.

Uma praça pode ser arborizada, equipada, bem projetada, mas nada disso assegura que ela disponha de um bom funcionamento. A qualidade que continua sendo essencial para uma praça tornar-se um lugar é o caráter social, o convívio entre as pessoas de uma comunidade. A presença de pessoas usufruindo, se apropriando ou administrando é o essencial para o sucesso de um espaço público.

Ao longo desse estudo percebeu-se que espaços que surgem a partir da iniciativa da própria comunidade ou quando possuem uma vida social ativa se tornam o âmago daquela comunidade. A participação direta da comunidade fortalece seus valores, amplia sua possibilidade de uso e cria identidade.

O presente trabalho tomou uma área verde abandonada no bairro de Messejana e aplicou uma metodologia projetual baseada nos usuários do espaço. Esse envolvimento com os frequentadores, além de ser democrático e aberto, também chega o mais perto das reais necessidades dos usuários.

Conclui-se que resgatar o significado do urbano requer muito mais que meras intervenções pontuais, assegurar a continuidade dos espaços e da vida pública é um desafio e uma responsabilidade para comunidade em questão e do poder administrativo. É fundamental o envolvimento desses dois atores para garantir o bom funcionamento e a manutenção dos espaços públicos.



# Referências

ALEX, Sun. Projeto da Praça: Convívio e exclusão no espaço público. São Paulo: Editora SENAC, 2008.

DIAS, JOÃO LUIZ DA SILVA. Manual de Medidas Moderadoras do Tráfego. Planejamento da BHTRANS.

FREITAS, Edmar. Messejana. Fortaleza: [s.n.], 2013. Bairro Messejana, Fortaleza (Ce), História. Coleção Pajeú. Secretaria Municipal de Cultura de Fortaleza.

GEHL, Jan. Cidades para pessoas. 1ª. Edição. São Paulo: PERSPECTIVA S.A., 2010

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. Perfil Socioeconômico de Fortaleza. Secretaria do Planejamento e Gestão – SEPLAG, Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE, 2ª Edição. Fortaleza, 2012.

JACOBS, Jane. Morte e Vida de Grandes Cidades. 2ª Edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes Ltda, 2009.

KLIASS, R.; ZEIN, R.; YAMASHIRO, D. Rosa Kliass: desenhando paisagens, moldando uma profissão. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2006.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. 1ª. Edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes Ltda, 1997.

PREFEITURA DE FORTALEZA. Lei de Uso e Ocupação do Solo do Município de Fortaleza – LUOS. Lei Nº 7.987, 1996.

PREFEITURA DE FORTALEZA. Plano Diretor Participativo do Município de Fortaleza. Lei Complementar Nº 062, 2009.

PREFEITURA DE FORTALEZA. Diagnóstico Geoambiental do Município de Fortaleza. Subsídios ao Macrozoneamento Ambiental e à Revisão do Plano Diretor Participativo – PD-PFor, 1ª Edição. Fortaleza, 2009.

ROBBA, F; MACEDO, S. Praças brasileiras = Public squares in Brazil. 3ª. Edição. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2010. - Coleção Quapá.

ROCHA, Nicole. Um Bosque Urbano: estudo sobre parâmetros de qualidade urbana em uma praça fortalezense. Fortaleza, 2015.

STUDART, Guilherme. Notas para a História do Ceará, 2004. Edições do Senado Federal, Vol. 29. Conselho Editorial do Senado Federal.

WHYTE, William H. The Social Life of Small Urban Spaces. Washington, D.C.: The Conservation Foundation, 1980.

Sites

<https://pt.wikipedia.org>

<http://www.pps.org>

<http://www.placemaking.org.br>

<http://www.archdaily.com.br>

<http://urbanidades.arq.br>

<http://www.plataformaurbana.cl>

<https://brunomaxwel.wordpress.com>

<http://emiliopuime.jusbrasil.com.br>

<http://www.fortalezanobre.com.br/>

<http://www.portalmessejana.com.br/>

<http://www.panoramio.com>

<http://br.worldmapz.com>

ANOTAÇÕES:



